

BRASIL-PORTUGAL

16 DE DEZEMBRO DE 1901

N.º 70



A Caça em Portugal

Comissão Venatoria da Associação Protectora da Caça em tempo defezo

A Caça em Portugal



Cabeça de veado

Foi uma noite, não ha talvez ainda dois meses; subia o Chiado, em companhia de dois velhos amigos e companheiros de espingarda. João Zimk e Silvestre Castanheiro, quando a *estucala* me foi dirigida.

Parei ainda o golpe, e como é da praxe quiz responder: mas o adversario que era mais forte, fez outra *finis* envolveu-me e vencedor ao apertar-me a mão, exclama: — E agora venha o artigo para o *Brasil-Portugal*.

Boas noites!

E eis, porque os leitores de tão preciosa revista, vão ter um bocado de má prosa.

Um artigo sobre caça, com gravuras e retratos de caçadores, ainda para mais a mais houve a má ideia de incorporar o meu: — é para desanimar!

Mas enfim... lá vai.

A culpa foi de Jayme Victor.

«Escrever sobre caça não é facil, não o foi nunca» começava assim ha annos um dos nossos primeiros caçadores e prosadores cynegeticos, uma das suas mais ricas produções.

E realmente assim é.

Muito se tem ultimamente procurado escrever; muito se tem ultimamente aventado; mas de pratico, de positivo, de util; muito pouco... quasi nada.

O que é incontestavel é, que o numero de caçadores tem augmentado n'estes ultimos seis annos, devido á acção propagandista das associações de caçadores; e, a caça, se não tem augmentado tambem não tem diminuído, mercê da benéfica acção das mesmas.

Das associações de caçadores... disse eu?

Pois já que me referi — a caçadores — terêi que começar a fallar d'elles. E na escolha não ha que hesitar:

S. M. El-rei D. Carlos I.

D. Carlos primeiro, sim, primeiro entre os primeiros; atirador invencivel, caçador emerito e entusiasta incomparavel. Mais não é preciso dizer-se para todos das hostes humbertianas; todos á uma, se descobriram ufanosos deante do Rei, do primeiro dos caçadores portugueses.

Entusiasta incomparavel, disse.

Não é difficil comprovar-o.

Em 1897 fez parte d'uma commissão nomeada pela *Associação Protectora da Caça em tempo defeso*, unica que n'essa epocha existia então em Lisboa, para ir solicitar de Sua Magestade a presidencia honora-

ria da reterida associação. Conservo ainda na memoria as phrases que El-Rei nos dirigiu ao agradecer-nos a lembrança: — «a qual me é querida como caçador que sou».

Mas estas palavras não eram proferidas sem entusiasmo; ou ditas por métra praxe, não; eram com a entoação que só sabe dar quem tem o *fogo sagrado*; quem como El-rei é um verdadeiro caçador.

E quem me havia de dizer n'essa epocha que na modesta *Associação Protectora da Caça*, que por signal não tinha ainda sede propria, se haveria de vir a alistar, tudo que ha de melhor nas hostes do grande Santo?!

Quem haveria de prever, que, mais tarde, d'aquella modesta casa da Rua do Crucifixo sahiria a grande *Commissão Venatoria*, sem duvida hoje, o mais potente grupo de caçadores do paiz?!

Longe de fazer a historia, nem a apresentação de tão distincto nucleo de caçadores; devo dizer: que foi a 2 de maio de 1898, que em sessão presidida pelo illustre caçador Dr. Antonio Tavares Festas, então presidente da associação, Joaquim Pedro Godinho de Paiva alvitrou a ideia da formação da *Commissão Venatoria da Associação Protectora da Caça em tempo defeso*.

Essa feliz ideia, foi logo mesmo n'essa noite posta em pratica, increvendo se logo como socios, Dr. Tavares Festas, Godinho de Paiva, Visconde de Reguengo (Jorge), Raul Mesnier, Rodrigo Peixoto, Joaquim Mendes Neutel, Silvestre Castanheiro e Thomaz Coelho, de Lisboa; e da provincia, Manuel Fragoso, Joaquim Moura de Faria, Jayme Fragoso, Dr. Mario Monteiro, José Julio d'Oliveira, Padre Luiz Marçal dos Santos e Visconde de Reguengo (Pae), socios estes que ainda fazem parte da mesma *Commissão* e a cujo numero ha a juntar mais quarenta e quatro socios, ou sejam ao todo 58, numero que actualmente compõe a *Commissão Venatoria*.

Foi tambem logo na sessão de 2 de maio de 1898, nomeado *director de battida* Visconde de Reguengo (Jorge) bem como marcada a 1.^a *battida aos javalis* para Novembro d'esse anno.

Battida aos javalis!

Até se estremece de alegria ao escrever as tres palavras, embora o que aqui as traça, não passe de um *relex* caçador de perdizes, que ao ter que referir-se a *montadores* o faz reverente.

Montadores!

Qual d'elles o General?!

José Paulo de Mira e Carvalho, mais conhecido ainda pelo *Mira d'Evora*.

E quem d'elle poderá fallar?

Um outro não menos entusiasta o *montador* glorioso: — Jacintho Paes Falcão.

O dever pois se me impõe, de respeitoso aqui transcrever alguns periodos d'uma breve biographia ha pouco por S. Ex.^a firmada.

«Destinado para a vida monastica — para que elle não tinha feito, diga-se de passagem — ainda esteve interno n'um convento em Evora.

«Como não tinha grande apego ao habito, e, pela posição de familia e relações suas, era facil fazer repetidas saídas, aproveitava estes dias de folgança, no campo, no convívio d'enthusiastas caçadores de lebres. E d'aqui a trocar as sandalias de monge pelas botas de caçador, a sombria clausura pela vivificante liberdade.

«Alistado nas hostes do bom santo, fez o seu inicio nas corridas ás lebres, para o que teve os melhores galgos. Em seguida caçou per-



Th. Coelho



José Paulo de Mira e Carvalho

Devotado até ao fim!
Devoção até ao martyrio!!

O que se poderia dizer de José Paulo de Mira e Carvalho é impossível de calcular, podendo sem dúvida asseverar-se que mais entusiasta pelas *montanhas* e pelas caçadas aos *turcosas*, nunca houve, nem fácil será haver.

Ninguém dispunha porém d'um grupo de amigos corajosos e entusiastas como... perdão!
— Visto que lhe chamel General, emendarei. — Ninguém dispunha de um *estado maior* mais completo, dentro o qual Mira apontava ufano — o seu dilecto substituto — o Reverendo Padre Custodio da Fonseca Mendes Neutel.

Se não é fácil calcular o que se poderia dizer de José Paulo de Mira e Carvalho, fácil não é também

suppor o que de Custodio da Fonseca Mendes Neutel ha a dizer. Custodio da Fonseca Mendes Neutel — d'elle mais uma vez repetirei que: — como padre, é liberal convicto na verdadeira acceção da palavra, attestado por uma vida cheia de virtudes e são ensinamentos; como caçador, dos melhores da *velhissima guarda* e que, apesar dos seus 81, possui a agilidade e a destreza de um quarentão, mas a alegria de um novo!

Entre Custodio da Fonseca Mendes Neutel e José Paulo de Mira e Carvalho houve desde março de 1862 até ao fallecimento de José Paulo de Mira e Carvalho tão estreitas relações que, só de 1862 a 1871, Mira escreveu ao reverendo padre Neutel 432 cartas, tratando em todas ellas de *montanhas*, *monteadas*, *da*, e só *monteadas*!

Devido á gentileza e amabilidade de tão grande amigo

dizes, passando a montar os porcos bravos que n'aquella epocha eram bastos em todas as charnecas e serras do Alemtejo.

Mas, certamente, onde o *Mestre* mais se demorou, onde todo o seu enthusiasmo se expandiu, foi na caçada de *porta* aos porcos bravos.

«Tal era a sua paixão por esta caçada, que algumas vezes, mesmo já de todo impossibilitado de sair da cama, de se vestir, de se servir do alimento pelas suas proprias mãos, se lhe davam a *boa nova* de que havia porcos em *matilhas* suas conhecidas, avizava os companheiros para o dia tantos, no monte tal; e, n'esse dia, mudando de cama de casa, para outra feita n'um carro alemtejano, lá ia ficar ao *quartel* indicado.



Manuel Fragoso

e reverendo ancão, posso hoje mais de quinhentas d'essas epistolas, que para mim são verdadeiras reliquias, cuja compilação daria assumpto para verdadeira epopéa cynegetica.

Mas se avivar as glorias passadas é dever, esquecer as presentes seria imperdoavel.

Por isso, aos *montadores da velha guarda* devem seguir os da *nova*.

Manoel Fragoso.

Felizes dos que conhecem tão bello e nobre character, tão bondoso e grande amigo.

Ninguém como elle é mais caprichoso! Mas o seu capricho é dos pouco vulgares, e se o seu tiro é certo e mortifero, a sua valdeade resume-se a ser como poucos, bom *camarada* e receber como ninguém os seus amigos.

Joaquim Moura de Faria.

Industrial digno e honrado, *montador* fanático e nervoso.

Trinta e cinco!

São quantos teem cabido fulminados aos *certeiros* da sua velha carabina.

E é tal o *vicio*, tal a paixão, tal o movimento impetuoso da sua alma de caçador, que fez de sua irmã,



Padre Custodio da F. Mendes Neutel



Joaquim Pedro Golinho Paiva

cuja perda ainda hoje pranteia, a primeira *montadora* portuguesa, D. Cecilia, Moura de Faria Matutino.

Joaquim Pedro Golinho Paiva.

Quemha que o não conheça?

Quemha que não tenha ouvido discutir com entusiastico o fazer sem discrepância a

descripção d'uma *montada* aos javardos, no Aurenou no Montanha?

Em duas palavras se pode biographar este bondoso

Vaseo Infante da Camara
Distincto sportman



Henrique Anachoreta

caracter: — *A alma da Comissão Venatória da Associação Protectora da Caça.*

Mas é dever não falar só de *montadores*, e por isso, antes de falar dos *novéis* caçadores, ha que dar logar a um dos mais distinctos corredores de lebres.

José Paulo Monteiro Cancella.

Chamo-lhe corredor de lebres e não caçador! Divergencia de opiniões!

Mas como corredor de lebres, ninguém mais cheio de enthusiasmo, ninguém mais entendido; e se o seu *cação* é apontado como dos primeiros n'este genero de *sport*, as suas *tréas* não se fazem tornar esquecidas entre as de *élite*!

Quereis a prova do que affirmo?

De que é um entusiasta corredor de lebres?

Seja-me então permitido com a devida vénia transcrever alguns periodos de primorosa descripção, d'uma das de *cunho* de entusiasta:

«A minha primeira caçada foi a terceira!»

Que tolice, que paradoxo, dirão os leitores e perguntarão:



José Paulo Cancella



Um lobo pendurado em uma arvore

— Este homem está doido?

Tenham a bondade de estar calados, que eu me explico.

«A minha primeira caçada foi a terceira, porque esta foi a primeira ás lebres a que assisti.

«A primeira foi aos coelhos, a segunda foi á raposa e a terceira foi ás lebres.

«Ora eu sou, sobretudo, caçador de lebres, e ahi teem a razão porque eu digo e affirmo que a minha primeira caçada foi a terceira.»

José Paulo Monteiro Cancella é actualmente presidente da *Associação de Caçadores Portuguezes*, aonde é estimado e muito querido.

Henrique Anachoreta. Dos *novéis*, estudioso e emprehendedor, caçador de vontade e apurador de raças caninas de primeira plana.

Entendido na materia!

Vasco Infante da Camara. 12 annos! Apenas 12 annos!

Chega a ser inacreditavel!

Tive o prazer de com seu pae, o acreditado lavrador de Valle de Figueira e não menos conhecido e distincto caçador Nuno Infante da Camara, lhe escollher a sua primeira espingarda de dois cannos, e confesso que com isso me orgulho.

Não para firmar os creditos do joven caçador, mas apenas a titulo de curiosidade, devo dizer que desde o seu *baptismo de sangue* até março de 1900 matou 695 peças de caça!

Filho de peixe...

Mas é tempo de pôr ponto final. Mesmo o artigo não tem mais retratos; ou se tem, é mais um, e esse bem contra minha vontade!

Está, pois, satisfeito o meu adversario, e certamente satisfetissimos de que os deixe os leitores do *Brasil Portugal*.

Mas, repito: A culpa foi de Jayme Victor.

O José Calixto



O PRINCIPIO de casados, suas dificuldades. Elle pospontava seguro e deixava meias solas a primor. Mas era recem vindo da terra. Em Lisboa não o conhecia.

Depois, começou a trabalhar para a loja. O patrão apresentou-lhe o ponto. Sete manas atrás de semana, já não largava a soveia.

A Antonia até aquillo parecia canceira por demais. Mas bemdizia Deus, E, por causa do peito, ia-lhe deitando maior naco de toucinho na panella.

Tempo alagado casita muito limpa a fim de ganhar o dinheiro. Ambos da serra. Grande amor ao ar e á luz. Depois o José Calixto tinha um gosto imuto pelo aceo, pela boa ordem.

Elle não era um bruto. Aprendera as letras com o bom Ventura, mestre-escola da sua aldeia. Depois, varios sermos que ouvira ao seu cura falavam liberalmente da equaldade dos homens perante Deus. No *Sertanejo*, órgão dominical do logar, entrevira laivos de politica arguta e de socialismo rubro. Da convulsão de todos estes elementos tinham brotado as suas idéas.

Fervia-lhe no peito a consciencia latente da injustiça social. Não apoiava o processo sanguinario; mas queria vozes altas a dizer verdades, braços valentes a arrastar infamias. De outro modo, nada feito.

Respeitava-se. E aancia que tinha pelo alinho da casa prendia talvez com esse respeito, com uma noção da sua dignidade.

— Vivem como alimarias! — criticava de certas camaradas. — O povo assim é uma escoria!

Os domingos inteiros em casa. A pé com a alvorada. A manhã toda ao quintalito.

Queria-lhe deveras. Maravilha, brotar assim um paraíso de um pedaço de terra secca! Um regadio naquella frescura do rocoto. Cortava o trabalho para ir espreatar a miude o rebenfã das couves e das alfaceas, o abotoar dos cravos e amores-perfeitos, o rescedente verdejar da salsa e da hortella. Electrificado, abraçava a Antonia nas barbas dos visinhos. Aquillo era mesmo estar a ver crescer filhos — segredava-lhe.

Mas protestava a energica Antonia. — Isso mais devagar! Olha o asno!

Nasceu a Baldinha e devia ter-se convencido o José Calixto. Logo o primeiro domingo da sua paternidade foi-se todo em martelar um carro. Para parar a Baldinha pela rua como bêbê de ricos. Só não queria o supplicio das toucas de renda. Quã! Melãozinho ao tempo!

Dardejava ardente o sol e ninguém regou o quintal n'aquelle dia. Os seus títulos de marceneiro estavam aliás comprovados já nos armarios da sala, em varios bancos e no galinheiro. Resultado coherente: o carro ficou primoroso.

Cabiam lá dois. Quando nasceu o Viriato, já tinha o seu logar. E a boa alma do José Calixto tinha alargado até abranger placidamente todos os affectos do lar: mulher, filhos, hortas, a galinha com os seus pintos, e até o *Sallico*, esse amigo absorvente, o gato.

Por esse tempo começou a frequentar a *Liga dos Sapateiros*. A sempre muito escovado, com um ar digno. Os camaradas acatavam-no, ouviam-no.

Usava palavras escolhidas. Falando da Antonia, dizia: *a minha senhora*. Quando lhe perguntavam pela prole, informava: dois, um menino e uma menina. Rapaz, rapariga, termos vulgares que lhe despraziam.

Ria muito pouco. O seu pensamento fixava-se de preferencia no lado austero da vida. Um dia amarrotou com rancor certo jornal onde leu — que o povoedia albarda. — Não, não era com facecias d'aquellas... Corja de idiotas!

Começou a escrever uns artigosinhos graves para as folhas satyricas *A soveia* e *O bico da agulha*. Gostava de levar á insaluz d'aquelles chistes bravios a sua nota sentimental e cordata. Na grammatica desacreditava bastante o bom mestre Ventura. Mas de offensas ao bom senso estava pura a sua penna.

Abusava um tanto da palavra *reivindicção*. Mas sincero: porque ella correspondia aos seus anhelos pela justiça.

Um collega remendão, que pugnava sempre por que na séde da Liga se vendessem bebidas alcoholicas, chamava-lhe por *troça Mestre reivindicção*.

Um dia, n'um anniversario solemne, n. dr. Sarzedas foi á séde da Liga fazer uma conferencia.

O José Calixto apenas o conhecia de vista e pelos artigos vibrantes de *O Liberal*.

O dr. Sarzedas, com palavra de mestre, poz em relevo o desvergonhamento dos poderes constituidos, vexações soffridas pelo povo indigente e crecido, necessidade imprescindivel de uma transformação social equitativa e decorosa.

Interrompiam-no saudações e applausos. Terminou proclamando a hegemonia do povo. Exurgendo da testa o suor tribunicio, elle encontrava-se disposto a pugnar por esse ideal até o ultimo arquejo da sua vida. O enthusiasmo dos

ouvintes acompanhou-o em grita até casa. O doutor veio ainda á janella, sem chapéu, acenar, agradecer. Esta cortesia reacendeu os animos. Derram-se vivas. A policia, de luvas brancas por ser dia de gala, effectou duas prisões.

O José Calixto, voltando a casa, rouco da expansão enthusiasmatica, vinha mutando n'uma coisa: — Que diabo quereria dizer *hegemonia*? Perguntalo a um companheiro mais conhecedor de palavras de Lisboa, não ousara. Parecia-lhe quebra de dignidade, redução do seu prestigio.

A Antonia, observando a distração com que elle engulia a coisa sem reastigar, inscreveu-lhe rudemente: — "Que estás tu p'rahi a magicar, home!"

Elle então não se conteve. Com os olhos fulzantes de enthusiasmo, pintou-lhe o dr. Sarzedas. Aquelle sim, era um home! A ouviu-o, quem não crearia esperança n'um futuro melhor? Aquelle merecia a adoração do povo.

A Antonia escancarava um olhar entristecido. Depois, n'um arremesso, levantando nos braços o Viriato, que chorava: — "Inda tu te fias, essas luvas brancas, home!"

O José Calixto descarejou um valente murro na mesa. Pela primeira vez media a extensão da sua desdita, casado com uma mulher que não comprehendia a belleza dos ideaes sublimes.

Saú violentamente porta fóra, sem beijar os filhos, sem ver lagrimas que borbulhavam nos olhos da Antonia.

Foi-se direito á redacção de *O Liberal*. Quería pôr-se incondicionalmente ás ordens do dr. Sarzedas.

Era cedo. A redacção quasi deserta. O doutor, sózinho no gabinete, escrevia o artigo de fundo.

Escutou, benevoló, o José Calixto. Depois, complacente, expendeu-lhe largamente as suas idéas, passeando agitado como n'uma tribuna, atirando para o ar, com decisio, gestos e fumaradas de charuto caro.

— Elle, claro, era republicano. Mas como constituir uma republica sem homens? Servir uma abstracção era perder a vida. Quería factos concretos, beneficios palpaveis. A sua causa era a causa do povo, eternamente escravo e espoliado. O seu pensamento, o seu tempo, o seu sangue, o seu dinheiro, pertenciam sem reserva a essa cruzada santa. Contava com ingrattidos, mas passaria sobre ellas; não se deixaria quebrantar. O povo era a eterna creança. Elle, até morrer, batalharia pelo triumpho d'essa creança caprichosa.

O José Calixto, fremente de enthusiasmo, protestava sincero.

— Não, o povo nunca lhe seria traidor. O povo, na sua rudeza, conhecia os amigos de boa lei.

Desde aquelle dia o José Calixto foi cegamente a criatura do dr. Sarzedas.

Elle nunca vira um home assim. Dedicacão, renuncia!... E o trato! Se passava o rei, voltava-lhe costas. E a elle, José Calixto, apertos de mão, palmadas no hombro, na rua, diante de toda a gente, onde calhava.

Memoria n'um assombro! Raro o dia que não perguntasse pela Antonia! E com os pequenitos! Sempre pelos nomes: Baldinha, cá, Viriato lá. E interessava-se de dentro. Tivessem outro filho para elle ser padrinho — recommendava.

Elle tambem não lhe ficava atrás. Na redacção trabalhava-lhe como um bruto para receber uns vintens; e para tratar-lhe da eleição suara quartilhos nas lides de galopim.

Quería provar-lhe que os do povo tambem tinham entranhas. E n'este afã, ia-lhe sacrificando tudo: o officio a que não attendia, a mulher cujas lagrimas o encolerisavam, os filhos cujas graças infantis deixou de notar. Quando o dr. Sarzedas perdeu a eleição elle enxugou dois dias de febre.

A demoralisacão official está pedindo mais alguma cousa do que discursos platonicos! — rugia n'aquella noite, em estremeções que abalavam a cama. A Antonia apavorada, mãos cruzadas, não se atrevera a vir. Mas que se aquillo? — pensava contrariada. Era um fermento de anarchismo a penetrar-lhe subrepticamente no sangue.

Uma madrugada, em que voltava da redacção tiritando, o José Calixto encontrou a Antonia a andar em febre.

Aquillo estava crecido. Habitara-se a considerá-la invencivel. Nem já pensava n'ella. Era de ferro.

Mas agora, para ali amodorrada na febre, sem dar accordo! Teve pela primeira vez medo á vida. Comprehendia enfim o que ella lhe era. Sem essa valente companheira o que seria d'elle? E saltaram-lhe as lagrimas, descobrindo no misero r. scaldado a pinguita do café que lhe ella deixara ali, ao lado do *Sallico* a roncar enroscado, patá sobre o fogão.

Levon as mãos á cabeça n'um desespero.

Que fazer? Devia seis mezes no Monte Pio. O medico não vira. Resolveu esperar a manhã alta e ir ao dr. Sarzedas. E respirou um largo hausto consolador, pensando na grande alma do doutor.

Até que rompeu o sol levou de agoniada vigilia entre o delirio offegante da Antonia e a respiração debil dos filhotos.

Estava n'um estado de exaustão na sua casa. Havia tanto tempo que não olhava para as cousas!

Pouco restava já. A Antonia fóra empenhando para dar pão aos pequenos.

A um canto, despresada, a ultima encomenda de um freguez paciente, enternecido de certo ás lagrimas d'ella. Por toda a parte

miseria e abandono. E — não mais pungente de todas! — aquelles dois carinhos de sapatos, espidados, sem solas, sem dedos, alinhados carinhosamente pela Antonia junto da caminha onde dormiam os seus filhos.

Estremeceu. Seria elle um miseravel?

Veiu-lhe um soluço, e outro, e outro... E ella inerte, sem paixão para aquella sua dor! Se estava semi-morta! E nos oito dias que seguiram, o José Calixto não pôde arredar-se-lhe um momento da beira do leito.

A pressa tinha garantido duas cartas: uma ao patrão que lhe retirara a obra havia meses; outra ao dr. Sarzedas, pintando-lhe a situação. Pedia-lhe que annunciase em *O Liberal* o seu trabalho de sapateiro.

O patrão não respondeu. O dr. Sarzedas annunciou um dia e não repetiu o annuncio.

Correram semanas.

O José Calixto voltara a trabalhar com afan e com apuro. Sentia acordar em si um gosto antigo. No ardor, como nunca! Se protestara a si mesmo desempenhar tudo! Boa tarefa!

Todo o santo dia, a soveia dá-lhe que dá-lhe. E a freguezia a voltar. E os pequenos mais gorditos. E elle sempre a puxar o ponto... e a puxar também conclusões dos mil pensamentos que lhe referriam no cerebro!

Um dia achou-se de bom humor. — O patrão antigo voltara a mandar-lhe obra.

Ocorreu-lhe apparecer na redacção de *O Liberal*. Sempre queria ver a cara do *pandego*!

O dr. Sarzedas, de chapéu, no gabinete, calçava, com esforço attento, luvras novas.

— Está transtornado, homem! Também estiveste doente?...

Eu logo vi que uma ausencia d'estas...

— Os cuidados, sr. doutor... as relações é que acobardam muito o individuo... Mas também a gente aprende alguma coisa...

— Eu lá te paz o annuncio... não sei se viste...

— Vi, vi... Muito obrigado, sr. doutor...

— Se quizeres que repita...

— Muito obrigado... Agora, com'assim... já não faz falta...

— Pois homem, animo... Uma pessoa nunca se deixa abater... A vida é dura para todos que servem ideas... Grandes homens tem supportado fome para combater pelos seus ideas... Eu tenho conhecido alguns... Tu apparece, homem... Agora estou com

pressa... Tenho gente á minha espera... Mas outro dia venço o que poderás fazer por ahí para ganhar algum vintém... — e o dr. Sarzedas deitou a correr pela escada, mettendo no bolso os apontamentos de um discurso.

O José Calixto notou, sorrindo, que elle lhe não estendera a mão. Nem sequer lhe batera no hombro. E observou a um reporter, com um trejeito singular dos olhos: "Vae de casaca... Cousa de estalo, hein?"

O outro informou: "É um banquete agora ás 8 na Liga dos Philantropos..."

— "Logo dos philantropos!... E o jornal? De vento em pópa? — "Qual historia! Elle tem isto abandonado... O doutor larga o jornal, você não sabe?... Arranjou noiva com bagalhaça... Adeus politica e adeus jornalismo!... M'ê'migo, cada qual..."

— "Albarda o burro como lhe convem?... Está na logica... — e o José Calixto rodou escada abaixo, taciturno.

Uma sexta feira a Antonia foi ao Senhor dos Passos pagar a promessa que fizera por occasião do typho. Levava os filhitos. Mais ainda que por devoção, para deixarem trabalhar o pae.

Agradeceu a Deus com fervor aquella crise tremenda em que a felicidade voltara á sua casa. Com o trabalho vieram tudo o mais. Tinha reverdecido a alegria, a saúde das creanças e as flores do quintal.

Ao sair da igreja, a Antonia cruzou-se com um par sumptuoso. Acabavam de aprear-se de uma carruagem reluzente.

Cruzes! Era elle! o inimigo!

A Antonia, com um estremeccimento forte, persignou-se. Mentalmente rezando uma Ave-Maria, puxou a Balduina e o Viriato até á pia da agua benta e molhou a testa a ambos.

Entretanto, curiosa, mirava de soslaio o esplendido vestido de seda negra, recamado de vidrilhos.

De repente os seus olhos embateram nos do doutor que se desviaram.

Então ella, n'um recrudescimento de pavôr, tomando arrebatadamente as mãos das pequenos, largou a correr para casa, murmurando, n'um vehemente esconjuro: "Cruzes, demonio! T'arrenego!"

Ma írd, dezembro 901.

CAIX.



Grupo de caçadores amadores da cidade do Funchal. Caçada na choupana, no dia 1 de setembro de 1901

POLÍTICA INTERNACIONAL

As eleições ultimamente realizadas na Hungria tiveram uma importância excepcional, por accentuarem de modo a não permitir equívocos as novas tendências da politica magyar. A feição característica d'estas eleições, que tão grande interesse despertaram na Austria e na Alemanha, foi a corrente manifestamente contraria que n'ellas predominou a respeito das actuaes relações com a outra metade do imperio e com a triplice Aliança. Tanto n'um como n'outro caso a Hungria pronunciou-se de forma bem clara contra o *status quo*. Assim o partido de Kossuth, que como é sabido visa á independência absoluta da nação húngara, não somente reobtuscou de novo o seu antigo programa, mas tambem se tornou o chefe da politica actual foram os derrotados em absoluto, como o celebre estadista Koloman Tizza, antigo presidente do conselho de ministros, ou moralmente vencidos, embora de facto eleitos por pequenissimas maiorias, como o prestigio conde Apponyi, que durante vinte annos não teve oppositor algum no seu circulo, e que apesar da incontestavel influencia de que goza, se viu agora quasi expulso d'elle, unicamente por se ter confessado partidario da sincera união com a Austria e da manutenção da triplice Aliança.

Estes dois factos conjugados com o augmento de força, com que sae das urnas o partido da independência, são presagio indubitavel de futuros acontecimentos graves no imperio austro-hungaro. Já não é somente a irritante questão entre checos e allemães na Cisleithana, que ameaça a estabilidade da monarchia bi-partida. O movimento de desintegração politica da nação húngara, que tem a sua origem, não menos do que a separar o actual estado, formado pela união de austríacos e magyares, em duas metades independentes. Ora o que tal transformação importaria para o equilibrio ou antes para o desequilibrio da Europa central facilmente se comprehende. O que não se comprehende tão bem é a attitude dos húngaros em toda esta questão. Com o actual regimen do dualismo são elles hoje preponderantes no imperio, e dominam por consequencia a situação de uma grande potencia, cuja orientação politica depende em grande parte d'elles. No entanto, porém, em que se desligarem da Austria e mesmo na hypothese de não verem surgir no seu seio novas tendencias separatistas — o que não parece muito provavel — passarão á categoria de potencia de segunda ordem, sem influencia alguma sobre os destinos da Europa.

Mas a hypothese de se conservar unida a actual nação húngara, no caso de se separar do imperio, não é, como acabamos de dizer, nada provavel. O contrario que tem muito mais probabilidades. Os magyares propriamente ditos estão, com effeito, em minoria na Transleithana. Debaxo do seu dominio, muito mais despótico e intolerante do que o da Austria, fazem escravizados os povos que os odeiam e são com elles irreductiveis — os slavos e os rumenos.

O que até agora tem contido a explosão violenta d'estas nações, submettidas mas de modo algum assimiladas, é a força e o prestigio que o estado húngaro tira da sua situação especial no imperio. Do momento em que cessarem o exotismo e a exclusão politica, e se contárgo, irá mais longe de que o desejam os politicos de Buda-Pest, e terá soado a hora em que o orgulho magyar deverá resignar-se a ver a patria de Kossuth e de Déak reduzida ás modestas proporções de um pequeno estado, sem outros horizontes a não ser os estreitos limites que fecham os sete milhões de uralo-alticos — que é no fundo a origem dos magyares — separados das demais nações europeas pela lingua e pela politica. Pensar os separatistas húngaros n'esta consequencia inevitavel da sua propaganda?

Depois de uma violenta agitação, que chegou a adquirir caracter bastante grave e na qual foram principaes protagonistas os estudantes da universidade de Athenas, a ordem restabeleceu-se, mas o ministerio Theotolis, apesar da maioria que obteve na camara e do empenho do rei Jorge em amparar-o, não pôde sustentar-se. O novo ministerio constituido sob a presidência do sr. Zaimis, que para si reservou a pasta dos estrangeiros, ficou organizado da seguinte forma: marinha internamente e estrangeiros o presidente do conselho; justiça, o sr. Topalis; reino o sr. Triandafylakos; instrução e culto, o sr. Monferatto; fazenda o sr. Negris; guerra o coronel Korpas.

De principio os disturbios d'Athenas, que quasi tiveram as honras de uma revolução em forma, occasionando numerosas victimas, não foram comprehendidos no occidente. Ao serem as apleyramas que davam como causa do succedido uma innocente traducção dos Evangelhos em grego vulgar, a imprensa de todos os paizes foi colhida de espanto. Pois era crível que em pleno seculo xx a mocidade illustrada da cidade historica, á qual mais deveram no passado os progressos do espirito humano, se insurgisse por um tão fútil motivo, que fazia lembrar as celebres disputas sobre o *hamouris* ou sobre o *hiloque* dos bons tempos do Byzantio? E o comico, e era triste! Triste sobretudo para aquelles que ainda tinham fé no renascimento do povo grego.

A questão, porém, principia a esclarecer-se, e parece afinal que a revolta dos estudantes gregos, não obstante a futilidade do pretexto, tem causas mais serias do que uma mera catturice theologica. Pelo menos assim o dá a entender o *Times*.

Segundo este jornal a causa dos tumultos foi a traducção do Novo Testamento em grego moderno, publicada no anno findo sob a protecção da rainha Olga. A traducção, que se destinava ás grandes familias, que não podiam comprehender o original, e era acompanhada do texto grego antigo, para ir familiarizando o povo com o conhecimento da lingua classica. Apesar, porém, de todas estas precauções e de a versão não ser authorizada pelo Santo Synodo, suspeitaram os gregos, exageradamente ciosos em questão de patriotismo, que ella obedecia a fins politicos contrarios aos interesses do hellenismo. Como se sabe, a rainha da Grecia é a princesa russa, e porisso quiz-se ver no acto por ella patrocinado a mão occulta da politica moscovita. Na imprensa começaram a fazer-se certas referencias que a rainha estava trabalhando pela causa do panslavismo, a fim de diminuir a au-

toridade do Evangelho grego, ao qual a Grecia deve a sua supremacia sobre as populações orthodoxas do Oriente. O meio escolhido para realizar este fim occulto era o collocar sob o mesmo pé das diferentes traducções slavas a traducção no idioma vulgar.

D'alh' a excitação em Athenas, que agora se comprehende, dado o caracter que teve, accentuadamente politico, embora a religião fosse o pretexto do occorrido. Mas não só os tumultos promovidos pelos estudantes assumiram o aspecto de uma grande manifestação politica, senão que tambem esta manifestação foi abertamente anti-slava, o que lhe imprime accentuado cunho nacional.

Ainda na revista anterior nos occupamos dos ultimos acontecimentos da China a proposito da publicação de algumas cartas dirigidas pelo general Voyron ao conde de Waldersee, e já temos que nos referir a outro documento do mesmo general, tambem relativo aos successos do anno findo e intimamente ligado ao principal capitulo das relações da Europa com o imperio do Meio — a questão dos missionarios. No documento de que se trata, e que é neto mais nem menos do que o relatório confidencial enviado pelo commandante em chefe do corpo expedicionario francez ao seu governo, fazem-se gravissimas accusações aos missionarios catholicos e a outros europeus pertencentes ás embaixadas, accusações que revestem, não obstante os desmentidos do sr. Pichon, excepcional importancia, se se attender ao caracter austero e ponderado, e á responsabilidade official do ministro das relações exteriores da França, e ao general Voyron n'um documento de tal ordem não podia ter mentido. Poderia elle desejar que o relatório houvesse ficado secreto pela inconveniencia da sua divulgação. Mas depois de publicado pela inscrição de alguns jornaes, não é licito duvidar das revelações estupendas que n'elle se fazem, e que contribuem para lançar nova luz sobre as causas da hostilidade dos chinezes para com os europeus em geral e os missionarios em particular.

Assim diz-se positivamente no relatório do general Voyron, que apenas as legações foram libertadas pelas forças internacionais, e enquanto os chinezes nos bairros mais ricos de Pekin estavam entregues a um verdadeiro terror panico, as senhoras pertencentes ás referidas legações correram ás melhores lojas, que ellas conheciam de antemão, e litteralmente as saquearam, apoderando-se dos objectos mais valiosos, e voltando para as respectivas embaixadas acompanhadas com verdades em cargas de seda, rendas, joias, ouro, prata e marfim.

Chega a ser espantoso, mas ainda não é tudo. No mesmo relatório se conta a respeito do procedimento dos missionarios ainda assume mais vergonhosas proporções. Uma vez, declara o general Voyron, foram os soldados francezes methodicamente e em massa arreimantados para a pilhagem por instigações dos missionarios. Estes, continua o relatório, que sem duvida estavam bem informados, dirigiram-se ao palacio do principe Li, na manhã do dia 17, com 40 carros de tropas equipadas para a marcha, e principiam a fazer uma busca em forma. Apoderaram-se das barras de ouro que encontraram, e de tudo o mais que lhes conveio. Foram ajudados n'esta empreza pelos soldados e pelos marinheiros estacionados em Pei-tang, aos quaes deram em recompensa do auxilio prestado cheques pessoais no valor de 2.000 francos sobre as ordens de S. Vicente de Paula em França!

Este facto, descrito n'um documento official, pelo commandante em chefe das tropas francezas na China, E' inacreditavel, e no entretanto é tristemente verdadeiro. A revelação de taes vergonhas levantou na propria França um brado de indignação. E no parlamento provocou verdadeiro escandalo a proposito do emprestimo para a capitalisação da indemnisação chinesa destinada a compensar as perdas soffridas por diferentes particulares e sociedades em virtude da insurreição dos *boxers*. Parte da camara exigia que ficassem excluidos d'essa compensação os missionarios, que com o seu censuravel procedimento tanto tinham contribuido para o desprestigio do nome europeu n'aquellas paragens. Foi necessario que o governo empenhasse toda a sua influencia para que o projecto passasse. Mas o effeito das revelações do general Voyron e da discussão parlamentar, que se lhe seguiu, não foi diminuido pela victoria do ministerio. Pode até dizer-se, sem receio de errar, que muitos triumphos como este valerão para o sr. Waldersee e para o general Voyron, e para os seus chefes, como effeito de molde a dar grande força moral ao governo o estar elle a iniciar na Europa uma politica francamente hostil ás congregações, e por outro lado vir defender *iniquibus et rostribus* essas mesmas congregações accusadas publicamente em documentos officiaes de praticarem actos criminosos. Parece-nos que com esta politica de maromba o presidente do conselho só conseguirá degradar a todos, e provavelmente terá em breve occasião de recordar-se do sentencioso dito de Strafford: «Mal com o rei por causa do povo, mal com o povo por causa do rei!»

No *Reichstag* allemão principiou a discussão do novo projecto de pauta. Por ora o debate está apenas iniciado, e mal se pode prever o resultado final. O conde de Billow já teve ainda assim que intervir por duas vezes, sendo uma d'ellas para responder ao sr. Richter, que atacou rijamente e com a sua costumada habilidade o projecto do novo plano. A agitação continua a accentuar-se, sobretudo nos centros manufacturarios, onde os socialistas tem organizado uma petição monstro de protesto para ser entregue ao parlamento, a qual conta até esta data mais de tres milhões de assignaturas! O que não soffre duvida é que a approvação da nova pauta, no caso de vir a realizar-se, virá dar novo impulso ao partido da democracia social, que no fim será quem politicamente ha de ganhar com a inexplicavel cegueira do chancelier e do proprio imperador, os quaes parece não medirem bem o alcance nem as consequencias d'esta questão tão grave para o imperio!

Romance e Poesia no Brasil

Leopoldo de Freitas é um nome sobressaído conhecido e apreciado no Brasil e em Portugal. O distinto escriptor honra hoje as columnas do *Brasil-Portugal* com o primeiro artigo sobre a litteratura brasileira, infelizmente tão pouco conhecida entre nós. Bemvindo seja o novo collaborador!

I

ROMANTISMO foi o principal periodo da litteratura brasileira. Manifestou-se nos tempos historicos da independencia nacional, impellido a agitacao do sentimento popular, e prolongou-se até á consolidacao do regimen politico-liberal em que se constituiu a nova nacionalidade luso-americana.

Em pleno seculo xvii, quando vigorava o sistema colonial surgu, no fôrmo o talento do poeta satyrico Gregorio de Mattos, considerado pela critica o Juvenal brasileiro. De facto, se a algum se pudesse dar o titulo de fundador da nossa litteratura, seria aquelle poeta que teria

uma escola, se as suas obras fossem immediatamente publicadas. Mas a litteratura puramente brasileira começou a germinar no fim do seculo xviii, quando frei Santa Rita Durão e Basilio da Gama, o glorioso cantor do *Uruguay*, cultivaram nos seus poemas o indianismo, e tambem quando o grupo de poetas e prosadores que se chamou *Escola Mineira*, formado por Silva Alvarenga, Claudio da Costa, Thomaz Gonzaga e Alvarenga Peixoto, iniciava o brasilicrismo bucolico, campones e aldeão.

Foi a *Escola Mineira* n'este periodo de geral influencia da litteratura que em Portugal se conhece com o nome de Arcadiana, ou Arcadica, que constituiu o nosso proto-romantismo.

O romance mais antigo do Brasil é o livro *Memorias de um Sargento de Milicia*, por Manuel de Almeida.

A açao desenvolve-se no Rio de Janeiro nos alboros do seculo xix, e tem por assumpto a historia de uma creanga que as aventuras da vida fizeram sargento de milicianos. O romance revela qualidades de observacao e, até certo ponto, o seu auctor parece haver comprehendido os processos de analyse dos caracteres humanos segundo a lei da hereditividade. Leonardo, o seu heroe, não é um perverso: é antes um fogozão a quem falta, a par da educao, o sentimento moral. E' uma especie de *lazararo*. Como este ha outros typos, bem naciaes e cheios de vigor.

O romantismo nacional floresceu na segunda metade do seculo passado, quando esse movimento litterario se repercutiu em todo paiz como uma profunda renovação espirital. A imaginacao e o sentimento brasileiros tiveram interpretes nos poetas e prosadores Domingos de Magalhães, visconde de Araguaia, Gonçalves Dias e Araujo Porto Alegre, barão de Santo Angelo.

O primeiro escreveu as obras: *Suspiros Poeticos, Saudades, Tragedias, Poemas Ausultas*, e mais tarde a *Confederação dos Tamoyos*, no genero do indianismo.

Gonçalves Dias, o épico cantor dos *Tymbiras*, é justamente considerado o grande romancista da vida das tribus indigenas. Era além d'isto, um philologo e um erudito orientalista.

Araujo Porto Alegre foi poeta, escriptor e pintor, distinguindo-se em todas estas manifestações da esthetica.

Nas *Brasiltianas*, mostrou-se nacionalista, pela comprehensão dos scenarios da natureza, das paisagens, dos rios e das florestas da patria. No poema *Colombo* consagrou-se a glorificação da America e a do seu descobridor.

A estes litteratos succede José de Alencar, cuja individualidade eminentemente se revestiu de um caracter de independencia e reacção contra a antiga influencia espirital da metropole.

O romance mais popular de José de Alencar é o *Guarany*, inspirado na lucta entre os indigenas e o conquistador portuguez. Ha n'essa obra um sopro épico, pois o brilho de suas descrições é extraordinario e bellissimo: vigorosas e cheias de variedade são as côrtes de que se serviu o escriptor para fazer um quadro perfeito da patria nascente.

O sentimento nativo de José de Alencar é tão intenso que legitimamente justifica a epigrapho de novelas brasileiras, dada a edição de suas produções litterarias. No *Galileo*, elle descreve scenas da vida pastoril no Sul do Brasil. No *Tronco do Ipe*, em *Til*, no *Sertanejo*, trata dos episodios da vida agricola e rustica das regiões do norte. *Iracema* é uma poetica e encantadora lenda do Ceará, narrada com toda a magia da palavra e toda a propriedade das imagens. *Ubirajara* reflecte tambem esse sentimento indianista que é o do Brasil durante o periodo da colonização.

Minas de Prata e *Garatuva* — proseguem o mesmo objectivo, isto é a descripção de uma sociedade nascendo no seio do paiz selvagem. Já as outras novelas alencarianas, *Sonhos de Ouro*, *Senhora*, *Luciella*, *Diva*, tratam do meio civilizado e contemporaneo. N'ellas o auctor evidencia a sua alma de artista. Foi com toda a razão que Machado Assis o chefe da litteratura brasileira actual, disse de José de Alencar, quando se inaugurou a sua estatua em bronze, no Rio de Janeiro:

O espirito de José de Alencar percorreu as diversas porções de nossa terra, o norte e o sul, a cidade e o campo, a floresta e a pampa, reproduzindo as nas suas paginas, formando assim, com as differenças da vida, de zonas e de tempos — a unidade nacional de sua obra.

Na mesma época em que este escriptor brilhou no romance, no theatro, na politica e no jornalismo florescia tambem o engenho artistico de Joaquim Manuel de Macedo, o singello novelista que nos li-

vos, *Moço Leão*; *Rosa*, *Moreninha*, *Vitencia*, *Mulheres de manilha*, *Alçóez*, etc., caracterizou a vida burgueza do Rio de Janeiro, as intrigas, os namoros, os casamentos e a curiosidade da gente d'esse tempo, recommendando-se como um escriptor que soube fazer a pintura mais ou menos fiel da sociedade fluminense.

O outro romancista que se distinguio na mesma phase litteraria foi o sr. Franklin Tavora, que se occupou do estudo da natureza, dos typos humanos e dos costumes do norte brasileiro nas obras *O Caballero*, *Mattala*, *Lawrence*, e outras. Nas mesmas condições, porém, em relação ao conhecimento das regiões centrais do paiz, figura o romancista Bernardo Guimarães, auctor de *Resursa*, do *Indio Afonso*, da *Escurva Branca* — obras que ainda hoje bastante recommendam a sua aptidão de litterato.

Em seguida apparece na litteratura brasileira a complexa individualidade do dr. Alfredo de Escriagnole Taunay — Sylvio Dinarte, nos romances e novelas.

Nenhum ramo da esthetica deixou de ser cultivado pelo seu fôrmo talento. Elle Taunay descendia de nobre linhagem franceza, e os seus antepassados foram os creadores do ensino das bellas-arts no Brasil, desde o tempo da vinda da familia real portugueza para o Rio de Janeiro.

Militar e de alto valor tecnico, o Taunay escreveu a *Retrada da Laguna*, esplendido episodio da bravura e do soffrimento do exercito brasileiro no principio da campanha do Paraguay.

Prodigio acolhimento publico recebeu a 2.ª edição d'esta obra, logo depois vertida em francez pelo proprio auctor — que descreve com a penna e a intuição de Xenophonte a bravura, a tenacidade e a disciplina de um pequeno corpo de exercito que atravez de todas as inclemencias conseguiu effectuar uma retirada em perfeita ordem mas sempre hostilizado pelo inimigo.

«Cada dia augmentava entre elles a fome e a peste, porém marchavam para frente! A nossa cavallaria accossava-os dia e noite» escreveu um chronista do Paraguay, referindo-se a este episodio da grande estrategia.

Grandes sympathias intellectuaes, teve Sylvio Dinarte em favor do seu romance *Inocencia*, que conta numerosas traducções estrangeiras. Na verdade, é uma das obras mais brasileiras e emocionantes de nossa litteratura. *Inocencia* refere a historia de uma familia camponesa na provincia de Mato Grosso, e a paisagem, o céu, as arvores, os rebanhos, a graça e a ternura dos vultos femininos bem impressionam o leitor.

Além d'este romance Sylvio Dinarte escreveu e publicou outros denominados: *Ouro sobre Aulá*, *Mocidade de Trajano*, *Clás e Terras do Brasil*, *Lagrims do Coração*, *No Declínio*. Sobretudo tambem na critica artistica e litteraria, bem como nos debates parlamentares pelos mais adeantados problemas sociais.

Era um dos mais illustres membros da nossa Academia de Lettras. Acima dissemos que Machado de Assis é considerado chefe da litteratura brasileira, e elle não exerceu este primado sem titulos valiosos. O poeta delicado e ameno das *Phalenas*, das *Chrysalidas* e d'*O Cervo*, correcta traducção em versos decasyllabos do celebre poemeto de Edgar Poe, é o mesmo estylista e prosador dos *Contos fluminenses*, dos *Papeis avulsos*, das *Historias sem data*, das *Pajinas Recolhidas*, e de outras produções de um bello vernaculo irrisado pelo humorismo mais leve e natural que n'este paiz se tem produzido. Na sua novelistica destacam-se as obras: *Helena*, *Bras Cubas*, *Tayá Garcia*, *Alfama*, *Quincas Borba*, e *Recem-vindo de Dom Camurros*.

A obra litteraria de Machado de Assis tem o merito de ser original e independente de classificações, de escolas ou de theorias: distingue-se, porém, pelo seu aspecto de humorista: cada um dos typos dos seus livros é banhado pela luz d'essa forma phantastica e ironica. Nenhum d'elles deixa de impressionar com o seu temperamento e modo de agir no mundo.

A conclusão do periodo romantico na nossa litteratura realizou-se em 1873, sendo determinada por acontecimentos sociais e politicos que profundamente modificaram a vida nacional.

Terminava a guerra do Paraguay, na qual, sob as bandeiras dos regimentos e batalhões, se reuniram filhos de todas as regiões do paiz. A sympathia popular pela liberdade da escravidão principiava a manifestar-se. O illustre estadista visconde de Rio Branco, conseguira da assembléa legislativa a primeira reforma emancipadora dos filhos da mulha e escrava. Notaram-se progressos na sciencia, na philosophia, na politica — nas Lettras estrangeiras, principalmente em França — a nação amada e imitada pela generalidade dos povos latinos.

A geração antiga entrava em declínio. Novos homens e novas ideias deviam começar a surgir na collectividade brasileira. Então as idéas republicanas definiram-se. O partido publicou o seu manifesto de combate ás instituições e não mais cessou de propagar os seus principios democraticos, servindo-se da tribuna das conferencias publicas e da penna dos seus jornalistas, até alcançar o triumpho com a sublevação do exercito em 1889, o que causou a deposição da dynastia reinante.

Por esse tempo — 1870 a 1880 — as novas correntes do pensamento estrangeiro exerceram enorme influencia no espirito dos nossos homens d'estado. Todas as theorias, as doutrinas, os sistemas acharam echo e tomaram forma na mentalidade dos brasileiros. Era uma época de renovação. Foi quando se conheceu em litteratura o realismo dos romances de Gustave Flaubert, de Zola, de A. Daudet, de George Elliot, de Dickens, de Ivan Tourguenoff e de Tolstoi.

E no conceito de um abalizado critica, o dr. Sylvio Romero, esta transformação litteraria veio determinar a nova orientação que a geração contemporanea tinha de seguir, assim como a geração romantica acompanhou a influencia espirital de Victor Hugo, de Musset, de George Sand, de Byron, de Almeida Garrett e de Sainte Beuve.



Busto de Luciano Cordeiro

Cinzalado pelo escultor Moreira Rato para o atrezo da Sociedade de Geographia

Como se fundam a Sociedade de Geographia de Lisboa

Ha vinte e seis annos meia duzia de homens novos conversavam sobre a utilidade de se crear no nosso paiz uma "associação portugueza para o desenvolvimento das sciencias, tomando por modelo as que, com o mesmo fim, existiam n'outros paizes e funcionavam proveitosamente, ao lado das academias consagradas. Chegaram a redigir os estatutos por elle havia de reger o novo instituto, e chegaram a fazer conhecido o seu intento e angariar adhesões do depois de entre si concordarem nos termos precisos da lei social. N'uma das muitas reuniões que tiveram, Luciano Cordeiro alvitrou que antes se fundasse uma Sociedade de Geographia, pois que o nosso vasto patrimonio ultramarino nos offerecia largo campo de investigação e de estudo, tanto para a reivindicação historica, que era forçoso e urgente que se fizesse, como para a apreciação das condições naturaes, ethnographicas e economicas das terras portuguezas de além mar.

Luciano Cordeiro não aprendeu a sua lingua ao grupo de amigos com que habitualmente se encontrava, sem que primeiro nos distinguisse particularmente, dando-nos conhecimento de ella; e ás objecções que fizemos, não para reprovar o pensamento, mas para apontar as difficuldades da sua realisação, pelo caracter pratico que esta reclamava, Luciano Cordeiro respondeu-nos apenas: *se concordas, tentemos.*

Pozemos mãos á obra; e tanto na livraria Carmo, da rua do Ouro, como nas redacções do *Diário de Noticias* e do *Puiz*, centros de conversação dos homens do nosso tempo, logares que por costume frequentavamos, trocavam-se idéas e estudava-se a forma de levar por diante o empreendimento. Não podia ser exclusivamente uma obra dos novos, como tambem o não podia ser de uma só classe social. Para ser viavel, necessario era que unissemos á nossa geração a geração anterior, e que interessassemos os homens politicos, os engenheiros, os commerciantes, os industrialles, etc., porque grande seria o raio de acção da projectada instituição quando ella atingisse o seu pleno desenvolvimento, e todos teriam que estudar, e todos teriam que fazer, se quizessem. Elaboramos os primitivos estatutos da *Sociedade de Geographia de Lisboa* com a data de 10 de novembro de 1875, e começando a recolher assignaturas, subscrevemos: os antigos ministros do ultramar Marquez de Sá da Bandeira e José da Silva Mendes Leal, e bem assim o então visconde de S. Januario, antigo governador da India e Macau, o major general da armada visconde de Soares Franco, o considerado professor da escola naval Alvaro Andrea, o grande jornalista Teixeira de Vasconcelos, o sábio Cartographo e chorographo Emiliano de Bettencourt, os academicos Jorge Figueiredo, Miguel de Bulhões, Brito Capello, e muitos outros nomes distinctos, que representavam a geração anterior á nossa. Foram tambem a sua adhesão os homens do nosso tempo, que a morte nos roubou já e que se chamaram: Antonio Ennes, Bernardino Pinheiro, Eduardo Coelho, Ernesto do Canto, Gerardo Fery, Henrique de Barros Gomes, Graça Barreto, José Julio Rodrigues, Dr. Alves Branco, Dr. Souza Martins, João Candido de Moraes, Pinheiro Chagas, e Marquez de Sousa Holstein, pleiade illustre de trabalhadores que deixaram, em diferentes provincias da actividade humana, um rasto luminoso das suas aptidões.

Setenta e quatro foram os fundadores da sociedade, sendo sessenta e tres socios effectivos ou residentes em Lisboa, e pertencendo onze á classe de correspondentes, por terem residencia fóra da séde social. N'um quarto de seculo, a morte tem feito tal colheita que os respectivos registos accusam hoje existirem apenas dezessete socios fundadores, nove dos quaes nunca perderam a qualidade de socios effectivos. São estes os srs. Dr. Agostinho Lucio e Silva, conselheiros Antonio Augusto Pereira de Miranda, Ernesto de Almeida Pinto, Francisco da Fonseca Benevides, e José Estevo de Moraes Sarmento, Dr. Henrique Midossi, João Carlos Rodrigues da Costa, José Fernandes Costa, e quem subscreve estas linhas. Os sete restantes tem sido forçados, pelas obrigações da sua vida publica, a transitar temporariamente de uma para outra das classes de socios em que a sociedade se divide. São os srs. Albano Alves Branco, Dr. Candido de Figueiredo, Conde de Macedo, Constantino de Brito, conselheiro Emygdio Navarro, Henrique Neves, e conselheiro José Bento Ferreira d'Almeida.

Como se vê, os nomes dos fundadores, que deixamos indicados, eram dos que, pelo passado de uns e pelas justificadas esperanças que havia n'outros, melhores garantias podiam offerecer para o exito de um projecto patriótico, que se cantava, de chamar a attenção da opinião publica do paiz para as necessidades e necessidades estrangeiras que haviam de ser dedicadas sempre a todos os carinhos. Eram tambem, e naturalmente das cousas ultramarinas, o que até então era trabalho isolado de um ou outro estudioso; trabalho que, por valioso que fosse e de alguns o era realmente, não tinha o condão, que só uma collectividade poderia imprimir, de fazer conhecer, além das fronteiras, que estavam dispostos a defender o que era nosso, a utilisar as nossas riquezas, e a collaborar com os povos cultos na civilização dos que o não eram.

Fois apesar de tão levantados intuitos, triste é confessal-o mas a verdade manda que se diga, uma grande parte de homens illustrados do paiz acolheu com ares de mófo o novo instituto, e os dois secretários, que eram Luciano Cordeiro e nós, sendo, por dever de cargo, os elementos mais activos da sociedade nascente, foram muitas vezes, durante os primeiros annos, alvejados pela zombaria indigna.

O plano tinha sido traçado por Luciano Cordeiro; e nós, seu amigo dedicado, estavamos dispostos a acompanhal-o na execução, convencidos ambos de que prestavamos um serviço ao paiz. Não desistimos, tendo sempre presentes as palavras do nosso epico:

..... pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada

e tanto no modesto gabinete do palacio de Cadaval, aonde se installou primeiramente a secretaria, como no segundo andar da rua do Alecrim n.º 89, a primeira casa propria que a sociedade teve, nos encontravamos e trabalhavamos os dois, em muitos dias e todas as noites de muitos annos, fazendo os alcoerces d'esse monumento que os estrangeiros admiram e de que os portuguezes se vangloriam hoje.

E' curioso e digno de notar-se que a consideração que a Sociedade de Geographia alcançou no nosso meio foi, a principio, *de importância*, digamos assim. Logo que a sociedade iniciou os seus trabalhos, obteve, das sociedades scientificas, da imprensa e das academias estrangeiras, os maiores testemunhos de apreço, que foram aumentando successivamente á proporção que os annos decorriam e os estudos se multiplicavam. Desta maneira se conseguia fazer suspender o sorriso de quem se dava o aspecto dos zombeteiros de cá. Ao lado, porém, dos que aresquiavam tanto os esforços da Sociedade, um jornal houve que lhe dedicou sempre todos os carinhos. Foi o *Diário de Noticias*; e na pessoa do seu director, Eduardo Coelho, nosso saudoso amigo, encontrou a Sociedade de Geographia um auxiliar e um cooperador valioso, no periodo balbuciente da sua criação. Houve tambem quem, aliando á sua muito alta e excepcional posição um alevantado espirito, vasta illustração e grande comprehensão dos deveres de Portugal, e que, além d'isso, tinha bem arregaçado na sua alma, e primeiro do que todos, o sentimento do amor da patria, muito e muito nos animasse, desde o começo, e nos fizesse chegar aos ouvidos que acompanhava, com verdadeiro interesse, todas as nossas canceiras; o que nos enchia de jubilo e ajudava a suportar resignadamente os desgostos que sempre tem aquelles que se dedicam a fazer qualquer cousa nova no nosso paiz. Referimo-nos ao chorado monarcha o sr. D. Luiz I. que, aproveitando a primeira oportunidade, que o superior criterio da nos elevada magistratura julgou azada, conferiu á Sociedade de Geographia a distincção publica de se considerar seu protector, bem como ordenou que, nas recepções do Paço, os representantes d'essa Sociedade tivessem o logar honroso que o proprio monarcha se dignou marcar-lhes.

Nos primeiros annos de vida social e ainda posteriormente, por largo periodo, houve o cuidado de fazer representar na direcção todos os agrupamentos politicos da nação e todas as classes intellectuaes do paiz, sem predominio de nenhuma d'estas. A sociedade não era politica, no sentido restricto d'esta palavra; mas procurava servir, como tem servido sempre, os interesses politicos de Portugal, estudando as questões, propondo alvitres, e chamando a attenção da opinião publica para os nossos importantes problemas ultramarinos. A'quella maneira de proceder, na constituição do corpo orientado, que o superior criterio da nos elevada magistratura julgou azada, conferiu á Sociedade de Geographia a distincção publica de se considerar seu protector, bem como ordenou que, nas recepções do Paço, os representantes d'essa Sociedade tivessem o logar honroso que o proprio monarcha se dignou marcar-lhes.

Nos primeiros annos de vida social e ainda posteriormente, por largo periodo, houve o cuidado de fazer representar na direcção todos os agrupamentos politicos da nação e todas as classes intellectuaes do paiz, sem predominio de nenhuma d'estas. A sociedade não era politica, no sentido restricto d'esta palavra; mas procurava servir, como tem servido sempre, os interesses politicos de Portugal, estudando as questões, propondo alvitres, e chamando a attenção da opinião publica para os nossos importantes problemas ultramarinos. A'quella maneira de proceder, na constituição do corpo orientado, que o superior criterio da nos elevada magistratura julgou azada, conferiu á Sociedade de Geographia a distincção publica de se considerar seu protector, bem como ordenou que, nas recepções do Paço, os representantes d'essa Sociedade tivessem o logar honroso que o proprio monarcha se dignou marcar-lhes.

ceram sempre grande consideração dos seus consócios. E, por ultimo, o actual presidente, sr. conselheiro Francisco Joaquim Ferreira do Amaral, homem illustrado, de muito valor e superior merecimento, a quem o paiz deve relevantes serviços. É uma gloria da nossa marinha de guerra, e pelo seu saber profissional tem conseguido conduzir, sem perigos, a não social nos mares, por vezes percollosos, dos ultimos annos, em que tinha fatalmente de se preparar a substituição dos elementos activos da geração dos fundadores, por outros da geração immediata. Oxalá que d'aqui a vinte annos, quando começar outra vez a evolução analoga, que ha de naturalmente dar-se, esteja á frente da Sociedade quem saiba singrar com o mesmo tacto e comprehensão igualmente bem os interesses da Sociedade e os do paiz.

O congresso colonial, que acaba de realisar-se, serviu para apreciar os esforços e trabalhos sociaes dos homens velhos e para apresentação dos homens novos. Luciano Cordeiro assim o entendeu; e muita vez lhe ouvimos dizer que, sendo o congresso destinado a comemorar o 25.º anno de existencia social, tencionava afastar-se dos trabalhos da sociedade e descançar, logo em seguida ao congresso. Infelizmente, a morte antecipou-lhe o descanço.

Em todos os monumentos como em todos os edificios ha o trabalho que se vê e o que se não vê. Vê-se o que está acima do solo; não se vêem os alicerces ou fundamentos. A Sociedade de Geographia de Lisboa é um monumento. Fomos um modesto operario que trabalhou dedicadamente na feitura dos seus alicerces; e com quanto sabíamos que esse nosso trabalho, sobre ser desvalioso, já não pode hoje ser visto, seja-nos todavia permitido afirmar que muito nos honramos de ter sido companheiro e auxiliar do fundador da sociedade, d'esse grande espirito patriótico que se chamou Luciano Cordeiro.

Dezembro de 1901.

RODRIGO A. PEQUITO.



Rodrigo Afonso Pequito
Leite calabrês do Instituto Industrial
e Commercial de Lisboa



Dr. Bernardino de Campos



José Vaz

ESTE nome não será o de um consagrado, mas é certamente o de um artista dos mais populares e conhecidos no nosso meio theatral; e quando eu digo «no nosso meio» não me quero apenas restringir a Lisboa, mas a todo o paiz, pois que José Vaz, em numerosas tournées por esse Portugal feroz, tem-se feito applaudir e estimar em toda a parte e por toda a gente.

José Vaz é, entre os homens que cultivam o seu genero, entre os actores-imitadores, um dos primeiros, se não o primeiro.

É de bem ingrato e bem difficil esse trabalho. Ser imitador requer faculdades especiaes, requer talento e estudo. As vozes dos animaes ninguem as reproduz como elle, com tanta exactidão.

Nas cançonetes é igualmente apreciavel; tem ellas um custo de originalidade, e são ditas com intenção, aquella intenção propria dos francezes e que constituem o valor especial da cançoneta.

José Vaz não é propriamente o que se chama um actor-cantor; é antes de tudo um actor-imitador. Mas a despeito do fio de voz, tem elle uma mobilidade physiologica e principalmente uns olhos, que dizem o que a palavra, por ventura, não exprime.

Com taes predicados, com tal valor, é pena que este artista se tenha contentado em se fazer applaudir apenas em Portugal.

O seu genero, o genero que elle cultiva é d'aquelles que se aprecia e agrada em toda a parte.

Dizem-me agora que José Vaz parte brevemente para o Brasil, pois ver-se-ha se o meu vaticinio não sabe verdadeiro, se as platéas das terras de Santa Cruz o não applaudem como as de Portugal.

CARLOS CALIXTO.

O ILLUSTRE senador brasileiro, cujo retrato honra hoje as nossas columnas é um dos vultos mais sympathicos da florescente Republica, e um dos que mais tem conseguido enraizar-se na estima e na consideração do seu povo. Tem hoje 60 annos. Natural do Estado de Minas Geraes, filho do Dr. Bernardino de Campos e de D. Felisbina Gonçalves de Campos, formou-se em direito na Faculdade de S. Paulo, abrindo em 1864 banca de advogado n'essa cidade, onde casou, sendo hoje chefe de uma numerosa familia, entre a qual se destaca já um dos seus filhos o Dr. Carlos de Campos, digno herdeiro do seu nome e successor das suas altas qualidades de espirito e de caracter. N'essa mesma cidade de S. Paulo, desenvolveu sempre o illustre senador toda a sua actividade. Propagandista da democracia, mas propagandista sincero e entusiasta, á sua robusta intellectualidade e á sua benefica acção, se deve a consolidação dos principios republicanos n'aquelle Estado. Foi sempre um servidor leal do seu paiz. Ainda ao tempo do antigo regimen foi deputado provincial eleito em 1888, e depois chefe de policia em 1889, Presidente da Assemblia Constituinte da Republica e do Estado de S. Paulo desde 1892 a 1895, até que subiu ao poder, entrando como Ministro da Fazenda no Governo do Dr. Prudente de Moraes, e em todos esses cargos deixou um rastro luminoso da sua acção tão activa e da sua influencia tão decisiva na politica brasileira.

A redacção.



JOSÉ VAZ
(imitador)

A verdade no theatro



EM isto a proposito de certos criticos falarem na verdade dos que representam.

Antes de mais, diremos que esta palavra *critico*, é empregada á falta d'outra melhor, e que apenas a adoptamos na significação convencional de «quem diz o que lhe parece a respeito do que quer que seja».

Critico, no sentido estremo e levantado, é o que, pela magnitude das suas creações tem direito a julgar as creações alheias.

Os maninhos não podem ser criticos das searas. Os eunucos não

podem commentar os sulões.

Dito isto, trataremos do que se appella a *opinião litteraria*, embora ella seja manifestada pelo primeiro anonymo que se lembra de deitar tinta ao papel, por aquelle direito sancionado pelo oraculo Boileau: «*Écrit qui s'ouïra*».

Vamos, portanto, falar do que é a *verdade no theatro*; mais falar como quem conversa entre o café e o cognac, e sem nenhuns ares superlativos de quem viesse assentar de vez se a gallinha é que procede do ovo, ou se é o ovo que procede da gallinha.

No rigoroso e absoluto valor da palavra, a verdade nunca existio nem pode existir no theatro, a começar pela composição que se representa.

Por maior que seja a propriedade, ou, se quizerem, a naturalidade do dialogo, nunca ninguém, na vida particular ou na publica, se expressou como é uso nos lances dramaticos.

Não discutamos o *monologo*, — que é a falsidade por excellencia. A' mais eloquente e imaginosa conversação da vida real, faltar-lhe-ha sempre o colorido artificioso e calculado do dialogo scenico.

Se algum, n'um momento de dôr, de ciúme, de arrebatamento, de melancolia, de desesperança, que sei eu, de qualquer sentimento profundo, começasse a declamar periodos sonoros, a gesticular com requiebras, e a adoptar posições de boa estatuaria, a creada de servir que assistisse a tal, — embora não fosse a de Molière, — diria desde logo, pondo de banda o espanador: — Isto, sim; isto é que é bem representado!

Portanto, a *verdade no theatro* não existe, a começar pelo drama que se representa.

Haja vista, por exemplo, Triboulet, á borda do Sena, recitando formosissimos versos sobre o cadaver que elle imagina ser de Francisco I. Considere-se Othello, o rude mouro, devorado de saudades e de remorsos, a comparar as suas lagrimas com as gomas medicinaes da Arabia, e a parodiárlas os maus tratos de Alepo. Attente-se, em resumo, no que possa haver de mais simples, de mais pathetico, de mais entenercedor, quer seja na scena antiga, quer na moderna, e digam me depois se n'essas téias maravilhosas existe alguma cousa que seja a natureza real, ou se, antes, não são ellas uma tentativa, um arremedo, um esforço para rastrear a verdade; mas exagerado, tenso, ficticio, sobre-possa, como tem de ser todos os esforços.

Logo, se aquillo que se diz não é o que naturalmente se diria, nas circumstancias reaes da vida; como pode ser natural quem diz taes inverosimilhanças?

Depois, a naturalidade de quem representa não ha de ser a propria naturalidade. Se fór, não vive a vida da personagem que representa.

O actor tem de desaparecer no papel de que se incumba, e dar forma sensivel ao que julga adequado a esse papel.

Não ha de trazer para ali as suas commoções, os seus impetos, os seus desfalecimentos, as suas ironias, os seus *nerros*, como se diz agora; ha de dar-se a um trabalho de recomposição anatomica e psicologica, e transmudar a sua personalidade no que é de conjecturar que fosse a personalidade que desempenha.

Na famosa carta de João Jacques a d'Alembert, *Sur les spectacles*, diz o grande filosofo: — «*Qu'est ce que le talent du comédien? L'art de se contrefaire, de revêtir un autre caractère que le sien, de parolir différent de ce qu'on est, de se passionner de sang froid, de dire autre chose que ce qu'on pense, aussi naturellement que si l'on le pensoit réellement, et d'oublier enfin sa propre place à force de prendre celle d'autrui.*»

Aqui temos, sem nenhuma duvida, no que consiste o talento do actor. Em fingir, com a maxima propriedade, que é... o que não é; em dar realce a uns sentimentos de emprestimo; em acender ao fogo do estado a luz das paixões deslumbrantes; em saber dar a cada palavra a intenção que lhe deve ser propria, a cada passo a symetria que lhe convem, a cada gesto a harmonia que elle requer; sem se esquecer que está em frente d'um publico que vae gradualmente ajustando do que vê, ajustando a sua interpretação com a do actor, e concluindo, finalmente, se elle sonhe ou não deixar entre os bastidores a sua individualidade, o seu ser, o seu eu, e passar a um novo encarnar, em que se ha de fundir e confundir a pessoa real com a creação imaginaria. *Oublier sa propre place à force de prendre celle d'autrui.*

Digam-me agora os taes criticos dos *nerros* se isto se pode conseguir representando com a verdade trivial, e não com o fingimento scenico. Digam me como é que uma pessoa pode ter em si, como em deposito, para dispôr em cada noite, se é mulher, as hallucinações de

Fedra, as branduras de Desdemona, o vaporoso lyrismo d'Olella, ou, se é homem, a dureza do velho Horacio e a maviosa juvenildade de Roméo?

Desvende-se agora tudo.

Uma cousa vae passando de moda, e bom era que não passasse de vez. Refiro-me a cada um pensar e expressar o seu pensamento, com liberdade e sinceridade, sem andar n'uma constante imitação e reprodução de certas idéas que vogam, e de certos anexins que fluctuam.

Passou isto a ser como que um andaço, de que enferma a mocidade esperançosa, — o que é signal de debilidade no organismo.

Acceptam-se paradoxos, disparates e epifoneias descodados, como se fossem maximas cicloronianas; e anda isto por muito tempo em circulação, que nem joas de tocada, do da relativa belleza; e os correntes de latão amarellejam, como grilhões d'ouro sem liga.

Isto, se prova contra quem vende, não abona muito quem compra.

Revertendo ao thema, e concluindo o discurso:

No theatro não ha nem pode haver verdade absoluta, como não ha em nenhuma das manifestações artisticas.

E é por isso que ellas são artisticas.

O drama é um simulacro de factos que poderiam ter-se dado, os tentado a ornamentação, o accessorio, o postico, que tem de nos captivar os sentidos. Quanto mais traços familiares elle tiver, tanto mais se aproximará do plausivel; quanto maior fór a exuberancia dos seus raptos, tanto mais se alongará dos dominios humanos, para se evaporar nos intermundios da fantasia.

Pelo que respeita aos interpretes, o raciocinio tem de ser o mesmo. Quanto maior fór o estudo do actor para se transformar na ficção, tanto mais se aproximará da verdade, ou da relativa belleza; e quanto mais se entregar aos movimentos inconditos do seu temperamento, tanto mais desfigurará a creação a que pretende dar vulto, e ficará sendo no palco uma ampliação do que é em casa, com as superfeições do convencionalismo artistico.

Se o actor levado, como alguns, por uma errada interpretação do tipo que quer reproduzir, esquece as grandes linhas, as linhas geraes que constituem a verdadeira personalidade da personagem, e se amiahar niquices, e em desenhar a bico de pincel umas nadinhas que só podem ser observadas a microscopio, então esse actor deixa de pertencer á colossal familia dos raros engenhos, e entra na officina pachorrenta dos que enflam missanga por bordados de acabamento irreprehensivel.

A interpretação do tipo está na interpretação do caracter.

Reproduzir, em quadro, a magestade authentica do mar, não é fazer um painel em que a linha dos promontorios ceda logar ao recorte das conchinhas.

Dezembro — 1901.

E. A. VIDAL.

Outro aeronauta brasileiro



AUGUSTO SEVERO
Deputado brasileiro e inventor do balão dirigivel Pax

O illustre deputado brasileiro, o sr. Augusto Severo, que está agora em Paris, é o inventor do balão dirigivel *Pax*, que vae entrar em experiencias.

A barquinha do aeronauta, que está sendo construida sob a sua direcção é toda de bambu e alluminio e mede 30 metros. O novo balão do sr. Augusto Severo promete sair do parque de Vaugirard, seguir para a linha das fortificações, percorrendo-as n'uma altura de 300 metros nas alturas de Vincennes, cortar para o lado dos grandes boulevards, marchando da Bastilha aos Campos Elyseos, dobrar uma ou duas vezes a torre Eiffel e entrar em seguida.

O seu auctor pretende assim transformar o seu balão como que n'um automovel

aereo guiado por elle á mercê da sua vontade, contra todo o poder do vento, como se em vez de ir pelo ar apenas fosse a voltar uma esquina.

O Brasil está sendo incontestavelmente hoje, em pleno Paris, o ponto culminante das attenções de todos os apaixonados do sport aereo. Depois da gloria de Santos Dumont, virá a gloria de Augusto Severo.

Jardins de Lisboa

OS JOGOS DE JARDIM



ESPIRITO humano foi comparado, não me lembro por quem, ao ebrío, que, montado n'um burro, ora se desequilibra para a direita, ora, ao tentar equilibrar-se, se desequilibra para a esquerda.

Manter o meio termo, que parecerá a coisa mais natural e fácil, é o que elle raras vezes consegue realisar, caindo abarriço de um extremo n'outro, passando de uma pratica á pratica diametralmente opposta.

Sem falar da educação do bello sexo, que, só desde pouco, se emancipou do velho e tradicional quietismo, tanto de corpo como de espirito, veja-se quanto a educação dos rapazes tem variado em oscillações, desde as varonis aventuras das cavallarias, acompanhadas do mais completo analfabetismo, até aos effeminados devaneios estereis dos romanticos do segundo quartel do seculo findo, que exaltavam o espirito em madraças e dolencias amaviosas e entorpeciam o corpo na suave inercia das idealidades.

Depois as mães, creadas e educadas na estufa dos conventos ou na não menos apertada e enervante estufa das proprias casas, começaram a tratar as pobres creancinhas como se fossem plantas tropicaes, a que o ar frio prejudicasse o desenvolvimento e a desordem dos movimentos livres viesse perturbar a circulação da seiva.

As pallidas romanticas, os sonhadores de amor incompreendido são os fructos d'essa mesquinha cultura, productora de deformidades psychicas e organicas, de seres vaporosos, que não eram já d'este mundo, e ainda não eram do outro, incapazes para a lucta da vida, para o defrontar com a crua realidade da existencia.

Mas um dia a humanidade acordou estremunhada, e como tivessem acabado os conventos e os morgados, viveiros de ocosos, mordida pela tarantula das ambições, que o caminho de ferro, aproximando todos os povos da terra, a todos fôra estimulando, decidiu-se a trabalhar, para que pelo trabalho se aproximasse da meta dos seus desejos; e eis que a vida intellectual toma um extraordinario desenvolvimento, se não produzindo sabios, — como os raros que outr'ora, com intuição genial, emergiam das trevas, — produzindo muito maior somma de sciencia, difundida, dynamizada, posta ao alcance de muitos, e por muitos cultivada, como ia bem á democratização de tudo.

Mas n'esta remodelação das antigas praticas educativas, em que o sexo fragil começou tambem a ter o seu quinhão, ficára de

todo esquecido o desenvolvimento regular e methodico do organismo physico, que n'elles e n'ellas se ia estiolando, de modo a não poder equilibrar o desenvolvimento da cultura do espirito.

Um dia, a sciencia, illuminada por mil factos, levantou a voz, e a multidão definida teve a feliz inspiração de ouvir-lhe os conselhos, começando a proclamar-se a necessidade de educar o musculo, ao mesmo tempo que se educava o cerebro, para fazer pessoas robustas aquellas que houvessem de ter robusta intelligencia.

Apontava-se para a Inglaterra, que hasteára o pendão da revolta em favor da educação physica, e segundo a ingenita disposição do espirito humano, começou logo a campo, levantando para o extremo opposto, extremo de que a propria Inglaterra já se preoccupa, julgando que a muscularidade está a tomar a dianteira á intellectualidade na educação da juventude.

Hontem, fazer versos á lua ou bordar a missanga, hoje, remar ou exercitar-se nos jogos violentos de jardim, é uma transição, embora salutar, porventura exaggerada, sacrificando o espirito ao corpo, se toda a attenção se volta para os exercicios physicos e se mais gloria se conquista em ser um habil jogador ou jogadora de *lawn tennis* ou de *foot ball*, do que um soffrivel examinando de instrução secundaria, um apreciavel poeta ou uma regular conhecedora de geographia, de historia e de outras minuciosidades com que se cultiva o espirito.

Ha poucos annos, só os rapazes das populações rurais jogavam o chinquillo, o laranjinha ou a bola, ao passo que hoje as mais altas camadas da sociedade, de ambos os sexos, jogam jogos physicos. Tão violentos como estes ou mais violentos ainda, achando n'isso um extraordinario deleite, e consagrando quicá a taes exercicios mais tempo e mais esforço do que uma educação bem equilibrada permitiria que se lhes consagrasse.

Desenvolver o sistema muscular e osseo, facilitar a respiração pela fadiga suave e pela suave acceleração circulatoria que d'ella deriva, tornar elasticas e flexiveis as articulações, fazer os movimentos rapidos obedientes á vontade, educando a intelligencia da espinhal medulla, e viver ao ar livre, na liberdade de movimentos, são grandes meios hygienicos, grandes elementos de prophylaxia, grandes preparadores da resistencia organica contra a invasão das doenças; mas, se ultra passarem a meta, tornar-se-hão causa de esteril fadiga, de prejudiciaes resultados, e se, com detrimento da cultura intellectual, se lhes dedicar mais tempo e attenção do que os devidos, terão como consequencia o predomínio do musculo sobre o cerebro; quando hoje as nações vivem e se engrandecem pela somma da sua intellectualidade, e se para se defenderem carecem da somma das energias physicas, estas de nada valem, a não serem guiadas e dirigidas pelas energias intellectuales.

E pois que na educação, que prepara o dia de amanhã, nada é indifferente: applaudam-se e festejem-se os jogos de jardim, mas diga-se aos jogadores onde háo de parar e como háo de equilibrar os elementos educativos do vigor physico com os da robustez intellectual, sem'falar, é claro, no importantissimo elemento moral,



Praça de Vasco da Gama

que completa a trindade educativa, mas que fica fóra do alcance d'estas modestissimas considerações.

Bem vindo seja, pois, em doses moderadas — o que está longe de dizer homoeopáticas, — o *lawn-tennis*, o nosso velho jogo do volante ou da péla modernizado e transformado, que nem o nome inglez quer dizer mais do que taboleiro da péla; bem vindo seja o *foot ball*, que é a ligação das palavras pé e bola, como que a dizer bola aos pontapés, jogo a que ainda o sexo feminino se não aventurou, mas em que ainda ha a esperar que faça proezas de vigor e de dextreza; e bem vinda seja simultaneamente a reabilitação e nobilitação dos nossos jogos nacionaes!

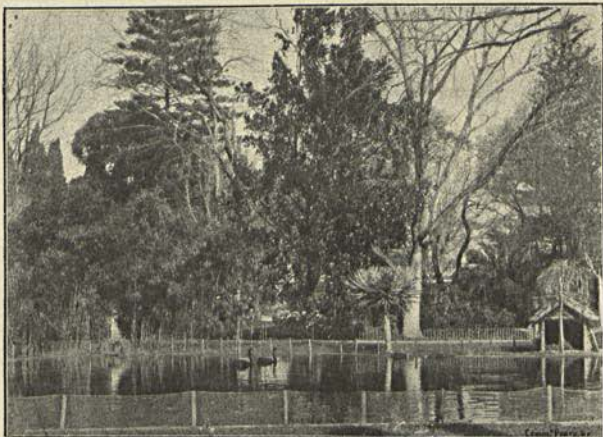
Um dos defeitos de quasi todos os exercicios corporaes é tenderem quasi exclusivamente ao desenvolvimento do lado direito do corpo. Que me lembre, só a natação, o exercicio de remar, o jogo de páu e o maneo da espingarda realisam o ideal de dar que fazer igualmente a ambos os braços.

Ora o genero humano, por disposição anatomica, ingenuita ou adquirida por atavismo, é dextro, sendo raros os seattros, sinistros ou canhotos, e rarissimos os verdadeiros ambidextros; e se é uma tentativa vã o querer substituir a mão esquerda á direita nos usos da vida, não é inútil, em exercicios de desenvolvimento physico, distinguir equitativamente os movimentos pelos dois lados do corpo, em especial no que se refere ao braço e correlativamente ao thorax.

Dos jogos de vigor physico, um dos que põem mais em acção os dois braços é o da bola, tão nacional que até deixou a locução vulgar a phrase: *dar no vinte*, como o da barra deixou a de *deitar a barra a diante*. O jogo da bola, que eu fui encontrar modificado nos divertimentos populares da Hollanda, teve de mais o seu canho aristocratico, havendo ainda ha pouco um bom taboleiro na quinta do real paço de Queluz, como havia outro na dos fidalgos frades cruzios em Coimbra e em quasi todas as vendas campestres da nossa aristocracia.

A bola, pelo seu volume não pôde ser atirada só com a mão direita, tendo a esquerda de a acompanhar no movimento de projecção, embora com esforço menor, como antecipa tambem no jogo da laranjinha, igual ao da malha, mas jogado com bolas de madeira, em vez de discos de ferro, e tendo diante de cada fito um outro paulito mais pequeno, em que se não devia tocar, o que obrigava a fazer todo o jogo por elevação e não rastejando.

Mas seja bola, laranjinha, malha, volante ou péla, hoje chrisimado com o anglicismo de *lawn-tennis*, e que bem se podia jogar com duas raquetas, uma em cada mão, ou uma em qualquer das mãos, como fazem os jogadores distinctos, deveriam os parceiros estabelecer, até para variar o divertimento, o jogar uma partida com a mão direita e outra



O lago dos cysnes no jardim da Estrela

com a esquerda; e se muitos lances risiveis e comicos se produziriam pelo despeito dos que não fôsem canhotos, isso acrescentaria o prazer do jogo, dando salutar e eficaz contribuição para o desenvolvimento do lado esquerdo.

No jogo de armas, que é tambem uma excellente gymnastica, faz-se coisa analoga com grande vantagem para os esgrimistas que a isso se habituam. E que entre as provas de dextreza de vigor muscular e de justeza de vista na pontaria, de tão grande influxo moral, não esqueça o exercicio do tiro ao alvo, de todos os tiros desde o da setta ou dardo até ao da espingarda pneumatica de

sala, desde a caçadeira até á arma de guerra.

E que sobretudo não esqueça que a mão que maneja a raqueta, a malha, o taco ou a bola, pode e deve tambem manejar com igual galhardia a penna de escriptor ou o lapis de desenhista, e que uma formosa paisagem ou um soneto approrado, uma carta de estilo simples e elegante ou uma graciosa caricatura valem tanto se não mais do que a gloria de ganhar uma partida de qualquer dos jogos de dextreza, e que os olhos que sabem bem fitar o alvo

muito lucraram em fitar os bons livros.

Deus deu-nos musculos e cerebro, para que por igual os cultivassemos e desenvolvessemos, para que nos não fizessemos bananas illustrados, nem valentes analfabetos, para que as damas não vejtem no ascetismo de retabulos de egreja, nem leveem o necessario desenvolvimento dos movimentos á desenvoltura audaciosa.

Que façam a sua educação physica é necessario e bom; mas sem nunca perderem do sentido que Filippa de Vilhena, pela lição moral que deu armando seus filhos cavalleiros, vale mais na historia e é immensamente mais sympathica do que a padeira de Aljubarrota, matando castelhanos por suas proprias mãos.

A. M. DA CUNHA BELLEM.



O Jardim de Santos



O jardim da praça D. Luis I, ao Aterro
No centro está o monumento ao Marquez de Sá da Bandeira



Uma loucura feliz



MA CRUZ negra. Um traveçado de lucto. "Foi Deus servido... Baptista Machado... Rilhafolles..."

E, ha dois dias, ainda nós por ali o encontravamos, de sobrecasaca e chapéu alto, polainas brancas, por essas ruas tropeçando meio cego, com um pintasilgo n'uma gaiola pequenina de baixo do braço.

Coitado! É foi talvez esta a mais feliz temporada de sua vida! A loucura abriu-lhe de par em par seus portões maravilhosos, e elle, nas asas brancas da fantasia, foi-se a viajar em regiões das Mil e Noites.

Falava, falava, desfiando disparates, que eram contas luminosas do seu rosario. Falava, que até cansava os outros, a quem dava parte da alegria que da alma louca lhe trasbordava.

Foi a mais feliz temporada de sua vida, que nem sempre lhe correu n'aquelle contentamento. Longe d'isso.

Pobre Baptista Machado, que tanto luctou, que tantos revezes sofreu! O que, afinal, todos soffrem: o drama vulgar d'uma vida vulgar de trabalhos, esperanças e desalentos.

Actor, auctor dramático, jornalista, ora estudando papeis que mal sempre decorava, ora de palpite enchendo cadernos de linhas dialogadas, ora afiando nas mesas de redacção a penna para a bicada, trabalhava, trabalhava, já cego escrevia pelo tacto, mas escrevia sempre, prope verso, a serio ou brio, quando o cerebro.

Lembro-me d'elle quando principio a escrever a caixa de theatro de D. Maria, em tempos da empresa Ernesto Biester e D. João de Menezes.

Usava então fatos d'uma elegancia vistosa, botas altas de polimento, gravata larga, de grandes pontas, esvoaçando ao vento. Outras vezes apparecia vestido de bombeiro.

E sempre, na algebrata, uma comedia, um drama, um monologo, uma magica ou uma fada.

Segundo as contas que fazia, já doído e talvez por isso exageradas, escreveu trezentos e oitenta e quatro actos.

Faizta-lhe o acto de contrição, commentou o Garrido.

E, sempre alegre, ficava historiar, ria, fazia paradas, fingia que falava e não dizia nada. Conservava sempre o serio, quando os outros riam ás gargalhadas.

Tinha um modo de falar nervoso, acudido, atrapalhado, com olhares ironicos por cima da luneta de miopia.

Estovado, pregava ás vezes as peças a quem não queria; peti-cego, falava deante de quem não suppunha presente; mas tinha maneiras de sahir-se, que todos lhe perdoavam.

Incapaz da menor disciplina, conseguia ainda assim escripturar-se por mais d'uma epocha na empresa Rosas e Brásão. Arranjava desculpas para tudo, acudidas, atrapalhadas.

E assim fallava em scena, nunca sabendo os papeis, confundindo-os, fazendo de todos elles uma salada russa. Uma vez, representando no Principe Real o *Marcos Marques Maluquias*, viu me na platéa e, em minha honra, recitou bocados do *Alfonso VI*.

Bem sabia que, dissesse o que dissesse, nunca o publico lhe percoeria palavra. Vaila-se d'isso. Os homens na platéa apuravam os ouvidos... e nada! Condições acusticas da sala.

E elle, uma seriedade imperturbavel.

Pois encontráa a carreira dando que falar.

Representava-se em D. Maria um drama extrahido por Carlos Borges do romance de Alexandre Hercolano, *O Bobo*. Quando se annunciava a terceira ou quarta representação, Joaquim d'Almeida, o protagonista, adoeceu repentinamente. Caso grave. Baptista Machado, que estava de visita no palco, offeroec-se para n'aquella mesma noite desempenhar o papel. A h'horas a stansa recita não ficou, creio eu, nos annos d'ouro do theatro portuguez.

Mão actor, fez entretanto algumas papeis com felicidade, aquelles que mais diziam com o seu leitio nervoso. Sahiam-lhe as frases como chicotadas.

No theatro o que mais deixou foi muita historia alegre, muita anedocta que ha de contar-se.

Chegava sempre á ultima hora.

— O que va hoje? ... O que é? ... an?... an? ...

Nunca sabia, não lia a tabella, não via cartazes.

Diziam-lhe a peça. Muita vez nem subia ao camarim. O alfaiate atrava-lhe lá de cima o facho. Enfiava-o em qualquer canto, punha a cabeleira, o chapéu ... an?... an?... Ficava sempre de luneta. Chegou a entrar com ella em scena fazendo no *Hamlet* o papel de *Horacio*.

Perdoava-se-lhe tudo, porque em tudo tinha graça.

Uma vez, n'uma terra pequena de provincia, o espectáculo não agradava. Um desastre! Ia representar-se a ultima comedia, uma farça qualquer n'um acto, e já todos davam por certo que no dia seguinte não teriam um só espectador.

— Eu salvo a situação! disse o Baptista.

E, chegando-lhe a vez de falar, enfiou uns atraz dos outros, meia dúzia de trechos que sabia de dramas pomposos, fez um rodriuguinho, e terminou:

— Abaixo os jesuitas e viva a liberdade!

Foi um delirio! Não dia seguinte uma enchente á cubna!

Para alguma coisa lhe havia de servir o saber lingua de trapas.

Representava e compunha. Em D. Maria levaram-lhe algumas

peças; mas foi para os theatros populares que mais escreveu. Tiveram exito alguns de seus dramas e revistas.

Tinha graça a escrever como sempre a teve falando.

Foi por isso que, depois da sahida de *Caracoles*, continuou na *Folha do Porto* com a secção critica dos *Ridiculos*, que assignava *Zaragüeta*, nome que tornou famoso.

Quem o lia e assim o achava sempre de bom humor, cuidaria que era feliz o *Zaragüeta*, que lhe corria a vida em maré de rosas. Bohemio, hontem actor, jornalista hoje, apitões para tudo, serenos deviam deslizar-lhe os dias, sob um céu de azul perenne, entre risos de troça. Com a fama que tinha, anedoctas de que andavam cheios os theatros, que a alguns dias se lembrava de que podia o Baptista Machado soffrer tormentos? Se a vida é valle de lagrimas!

Visitei-o um dia na cadeira do Linceo, onde ella dera entrada por abuso de liberdade de imprensa. Ali mesmo, não grado a impressão das grades na alta janella sobre o Tejo e a linha angustiantora dos ferrolhos a correrem, queria mostrar-se risonho, acolhia a gente com interjeições alegres, contava historias.

Sobre a mesa tinha papeis e tinteiro. Contava como se escrevia pelo tacto, não podendo rever o que escrevia, d'olhos sempre tristemente a peorarem. Era-lhe impossivel qualquer leitura; ás duas terminava o praso para as visitas e eram seculos para o quasi-cego as horas que decorriam enfadonhas até que de novo amenhacia.

Passou grandes misérias na lucta pela vida em que tantos succumbem. Muita vez viu tudo negro, negro, nem alvor que despontasse nas trevas que o rodeavam, espessas, asphixiantes.

Com a fama que tinha, anedoctas de que andavam cheios os theatros, que a alguns dias se lembrava de que podia o Baptista Machado soffrer tormentos? Se a vida é valle de lagrimas! Visitei-o um dia na cadeira do Linceo, onde ella dera entrada por abuso de liberdade de imprensa. Ali mesmo, não grado a impressão das grades na alta janella sobre o Tejo e a linha angustiantora dos ferrolhos a correrem, queria mostrar-se risonho, acolhia a gente com interjeições alegres, contava historias.

Sobre a mesa tinha papeis e tinteiro. Contava como se escrevia pelo tacto, não podendo rever o que escrevia, d'olhos sempre tristemente a peorarem. Era-lhe impossivel qualquer leitura; ás duas terminava o praso para as visitas e eram seculos para o quasi-cego as horas que decorriam enfadonhas até que de novo amenhacia.

Passou grandes misérias na lucta pela vida em que tantos succumbem. Muita vez viu tudo negro, negro, nem alvor que despontasse nas trevas que o rodeavam, espessas, asphixiantes.

Com a fama que tinha, anedoctas de que andavam cheios os theatros, que a alguns dias se lembrava de que podia o Baptista Machado soffrer tormentos? Se a vida é valle de lagrimas!

Visitei-o um dia na cadeira do Linceo, onde ella dera entrada por abuso de liberdade de imprensa. Ali mesmo, não grado a impressão das grades na alta janella sobre o Tejo e a linha angustiantora dos ferrolhos a correrem, queria mostrar-se risonho, acolhia a gente com interjeições alegres, contava historias.

Sobre a mesa tinha papeis e tinteiro. Contava como se escrevia pelo tacto, não podendo rever o que escrevia, d'olhos sempre tristemente a peorarem. Era-lhe impossivel qualquer leitura; ás duas terminava o praso para as visitas e eram seculos para o quasi-cego as horas que decorriam enfadonhas até que de novo amenhacia.

Passou grandes misérias na lucta pela vida em que tantos succumbem. Muita vez viu tudo negro, negro, nem alvor que despontasse nas trevas que o rodeavam, espessas, asphixiantes.

Com a fama que tinha, anedoctas de que andavam cheios os theatros, que a alguns dias se lembrava de que podia o Baptista Machado soffrer tormentos? Se a vida é valle de lagrimas!

Visitei-o um dia na cadeira do Linceo, onde ella dera entrada por abuso de liberdade de imprensa. Ali mesmo, não grado a impressão das grades na alta janella sobre o Tejo e a linha angustiantora dos ferrolhos a correrem, queria mostrar-se risonho, acolhia a gente com interjeições alegres, contava historias.

Sobre a mesa tinha papeis e tinteiro. Contava como se escrevia pelo tacto, não podendo rever o que escrevia, d'olhos sempre tristemente a peorarem. Era-lhe impossivel qualquer leitura; ás duas terminava o praso para as visitas e eram seculos para o quasi-cego as horas que decorriam enfadonhas até que de novo amenhacia.

Passou grandes misérias na lucta pela vida em que tantos succumbem. Muita vez viu tudo negro, negro, nem alvor que despontasse nas trevas que o rodeavam, espessas, asphixiantes.

Com a fama que tinha, anedoctas de que andavam cheios os theatros, que a alguns dias se lembrava de que podia o Baptista Machado soffrer tormentos? Se a vida é valle de lagrimas!

Visitei-o um dia na cadeira do Linceo, onde ella dera entrada por abuso de liberdade de imprensa. Ali mesmo, não grado a impressão das grades na alta janella sobre o Tejo e a linha angustiantora dos ferrolhos a correrem, queria mostrar-se risonho, acolhia a gente com interjeições alegres, contava historias.

Sobre a mesa tinha papeis e tinteiro. Contava como se escrevia pelo tacto, não podendo rever o que escrevia, d'olhos sempre tristemente a peorarem. Era-lhe impossivel qualquer leitura; ás duas terminava o praso para as visitas e eram seculos para o quasi-cego as horas que decorriam enfadonhas até que de novo amenhacia.

Passou grandes misérias na lucta pela vida em que tantos succumbem. Muita vez viu tudo negro, negro, nem alvor que despontasse nas trevas que o rodeavam, espessas, asphixiantes.

Com a fama que tinha, anedoctas de que andavam cheios os theatros, que a alguns dias se lembrava de que podia o Baptista Machado soffrer tormentos? Se a vida é valle de lagrimas!

Visitei-o um dia na cadeira do Linceo, onde ella dera entrada por abuso de liberdade de imprensa. Ali mesmo, não grado a impressão das grades na alta janella sobre o Tejo e a linha angustiantora dos ferrolhos a correrem, queria mostrar-se risonho, acolhia a gente com interjeições alegres, contava historias.

Sobre a mesa tinha papeis e tinteiro. Contava como se escrevia pelo tacto, não podendo rever o que escrevia, d'olhos sempre tristemente a peorarem. Era-lhe impossivel qualquer leitura; ás duas terminava o praso para as visitas e eram seculos para o quasi-cego as horas que decorriam enfadonhas até que de novo amenhacia.

Passou grandes misérias na lucta pela vida em que tantos succumbem. Muita vez viu tudo negro, negro, nem alvor que despontasse nas trevas que o rodeavam, espessas, asphixiantes.

Com a fama que tinha, anedoctas de que andavam cheios os theatros, que a alguns dias se lembrava de que podia o Baptista Machado soffrer tormentos? Se a vida é valle de lagrimas!

Visitei-o um dia na cadeira do Linceo, onde ella dera entrada por abuso de liberdade de imprensa. Ali mesmo, não grado a impressão das grades na alta janella sobre o Tejo e a linha angustiantora dos ferrolhos a correrem, queria mostrar-se risonho, acolhia a gente com interjeições alegres, contava historias.

Sobre a mesa tinha papeis e tinteiro. Contava como se escrevia pelo tacto, não podendo rever o que escrevia, d'olhos sempre tristemente a peorarem. Era-lhe impossivel qualquer leitura; ás duas terminava o praso para as visitas e eram seculos para o quasi-cego as horas que decorriam enfadonhas até que de novo amenhacia.

Passou grandes misérias na lucta pela vida em que tantos succumbem. Muita vez viu tudo negro, negro, nem alvor que despontasse nas trevas que o rodeavam, espessas, asphixiantes.

OS MORTOS

D. Antonio Thomaz da Silva Leitão e Castro

Com a morte do illustre prelado que até ha pouco dirigia a diocese de Lamego, desaparece uma das figuras mais sympathicas e um dos caracteres mais nobres do episcopado portuguez.

Superiormente intelligente, intelligencia realçada por uma vastissima illustração, essencialmente bom, bondade ao serviço do coração mais generoso e mais bem formado, o sr. D. Antonio Leitão e

Castro morreu ainda novo, e que muito novo tambem recebeu o titulo de Bispo de Eschimo, distinguu-se sempre durante uma carreira brilhantissima, por serviços relevantes á sua patria. E' que elle era tambem, como não podia deixar de ser, reconhecidas as altas qualidades do seu espirito, um grande patriota. Vigario geral de Bombaim e de Meliapor, visitador e governador das missões em Goa, primeiro e depois prelado em Moçambique, bispo de Licopodio e bispo d'Angola, até regressar ao reino, as suas pastoraes, verdadeiras peças de litteratura, mais obra de um artista de palavra escripta do que de um funcionario, ahi estão

com o cunho da sua grande caridade e do seu extraordinario amor pelo progresso do seu querido Portugal, na civilisação do dominio ultramarino.

Excessivamente modesto, d'essa modestia que é apanagio dos que são realmente grandes, D. Antonio Leitão pôde ser considerado o perfeito modelo do sacerdote exemplar: bom, erudito e liberal. E por isso a sua morte quasi subita, apesar do mal que havia muito o minava, encheu todos de um profundo lucto, porque formavam para elle uma verdadeira familia todos os seus diocesanos.

Vivia uma vida simples, modesta, e era para os pobres que elle reservava os proventos do alto cargo que exercia. Assim, foram os pobres de Lamego que mais sentiram a sua morte, e foi toda a diocese que, sabedora da sua larga generosidade, lhe entouo n'um coro de lagrimas o hymno mais grato ao seu coração de homem e de padre, um hymno de bençãos e de saudades, pelo Bem que fez, e pelo Bem que a morte lhe não deixou continuar.

Soffria muito de diabetes, especialmente desde que voltára da Africa, onde de resto a sua saude foi sempre boa e tanto que muitas vezes pensára em voltar para lá. Este verão estivera nas Caldas do Moledo, e tomou as aguas. Convidaram-o para um passeio, mas iam todos a pé, e elle não queria ser uma excepção. Pediram-lhe que fosse de carruagem. Não accedeu; foi tambem a pé, mas o caminho era mau, e uma pedra solta feriu-lhe o dedo de um pé. Não fez caso. Quando, passados dias, o incommodo se tornou maior, mandou então chamar um medico. Era tarde, o pé gangrenára-se-lhe e a morte era fatal.

Morreu, sabendo-o, morreu tranquillo porque sabia que nunca tivera cousa de que podesse arrepender-se, morreu

como um justo, abraço á cruz de Christo cuja religião elle tão bem servira, pensando talvez na patria á qual tinha dado o melhor do seu cerebro e do seu coração.

Foi um Bispo modelo; ficou sendo um exemplo de Bispo.

Fernando Maria d'Almeida Pedroso

O velho jornalista portuguez, cujo retrato figura n'esta pagina, de commemoração triste, foi por muitos annos uma figura typica de Lisboa. De uma actividade que desafiava sempre a *non-chalace* das gerações que lhe succederam, trabalhador infatigavel que estudava e produzia, dualidade um pouco rara, porque em geral os que estudam pouco produzem e os que produzem não estudam nada, Dr. Fernando Pedroso, morreu com 83 annos, victima talvez do seu espirito de trabalhador que o não deixava conservar-se em casa, ainda mesmo que a doença tentasse prostral-o. Assim, andando havia tempo adoentado, o illustre jornalista que era um propagandista apaixonado das missões catholicas nas nossas colonias, quiz assistir ao Congresso Colonial que se reuniu ha pouco na Sociedade de Geographia, e cujas sessões eram á noute. Foi, falou, defendeu as suas idéas, atravez as quaes brilhava sempre uma grande sinceridade, reconhecida até pelos seus proprios antagonistas, e voltou para casa satisfeito por certo da sua obra, quando ao entrar a porta do predio uma congestão o fez cahir.

Veio ali encontral-o o guarda nocturno, que o transportou para sua casa no 4.º andar, d'onde, d'ahi a trez dias, sahia dentro do esquife que o levava para a sepultura.

O dr. Fernando Pedroso era formado em direito, começára os seus estudos no seminario de Vizeu, destinando-se á vida ecclesiastica, mas vieram as luctas civis, que dividiram a familia portugueza em dois grupos, os miguelistas e os liberaes, e elle, que pertencia a uma familia legitimista abraçou com enthusiasmo a causa de D. Miguel, e foi sempre toda a sua vida um defensor *teimoso* dos direitos do Principe proscripto. No jornal *A Nação* que dirigiu varias vezes, e ao qual nunca retirou a sua collaboração, teceu armas com os mais brilhantes jornalistas do partido adverso, mas apesar da pujança intellectual dos seus antagonistas, e apesar da causa má que defendia, impunha-se sempre á admiração pelo vigor da sua dialectica, e pelo fervor das suas crenças.

Era um espirito muito lucido, um caracter honestissimo, primorosamente educado, e de trato affavel.



D. ANTONIO DA SILVA LEITÃO

Bispo de Lamego

† em Lamego a 3 Dezembro 1901



DR. FERNANDO MARIA D'ALMEIDA PEDROSO

† em Lisboa, a 1 Dezembro 1901



D. Ângela

A Sorte

Atmosfera de Paris, personagens de Paris, graça, vivacidade, espírito de Paris. *A Sorte*, que o sr. Accacio de Faiva traduziu da comedia franceza *La Veine*, é o que se chama uma linda peça: — alegre, expansiva, movimentada, e simples. Tem aquelle nome, porque a *veine* ou a *sorte* é a base da acção que por quatro actos se desenrola. Foi a sorte com effeito que deparou a Julião Bréard uma companheira *comme il faut*, uma verdadeira senhora, que possui todas as qualidades boas de mulher para lhe tornar feliz e agradável a existencia. E é a sorte ainda que lhe dá por amigo aquelle bom Tournour que tão benéfica influencia tem na sua vida.

De resto, muitos amores, muitas ligações, graça esfuziada por toda a parte, acção que interessa de acto para acto, contexturas admiráveis, e por agora nos ficamos sobre o merecimento litterario e dramático de *A Sorte*.

O exito que ella acaba de obter no *D. Ângela* é em grande parte devido ao desempenho, dos mais aprimorados a que n'esse elegante theatro temos assistido.

Se se disser que estão confidados os papeis aos melhores artistas d'essa casa, dir-se-ha o bastante para evitar qualquer surpresa ante a excellencia do desempenho.

No papel de Julião Bréard pode dizer-se que tem João Rosa uma das suas creações artisticas, como Augusto Rosa no Tournour difficilmente poderia ser excedido, tal é a correção e o primor do desempenho.

A companheira de Bréard é Carlota, a amante digna e leal, que encontramos em Ângela Pinto uma adorável interprete.

Germana é outra figura das mais interessantes da comedia, graciosa, provocante, esvelta, e não é injusto confessar que a actriz Maria Pia está taíndaa para esse papel.

Outra personagem que prende a attenção é a caixaieira de florista, á qual Delphina Cruz deu um relevo encantador. E se mais nomes quizessemos citar, em primeiro lugar viriam Laura Cruz, na excellente professora de Carlota, Pinheiro, no pretendente da florista, Cabral, e Senna nos papeis de bachistas, e, para, enfim, nada ficar no tinteiro, tambem não omitiremos que *A Sorte* está posta em scena a primor, e foi marcada e ensaiada por quem é perito n'estes trabalhos de arte.

Gymnasio

O filho artificial

Quem disser que os assumptos de comedia estão exgotados não dá a verdade. Quando para os dar, cheios de novidade e interesse, a realidade não basta, temos a phantasia, a inventiva, que bastam para crear o inedito, o imprevisto.

O titulo d'esta comedia allemã, tão superiormente vertida á lingua portugueza pelo sr. Freitas Branco, é dos que fazem pensar um pouco e obrigam a applicar á peça uma attenção rigorosa para ver qual a justificação d'esse titulo.

Ora, supponnos não lhes causarmos surpresa dizendo que só ha uma qualidade de filhos artificiaes: os que não são nossos e se fazem passar por isso como se o fossem. E é exactamente o que succede na comedia que tão finamente acaba de ser representada pelos artistas do Gymnasio.

Ha um marido que ataca a esposa ingenua e lhe pede uns tantos marcos para as despesas a fazer com um fructo natural que tem lá para os Karpthos.

Incidentes sobre incidentes, peripécias sobre peripécias, contagiosas do riso franco e expansivo, e só depois de longa averiguação se reconhece que o pae do filho artificial foi forçado a attribuir-lhe o noivo da filha, intervindo n'esse momento a esposa que perdéra ao marido o ardiloso trama que empregou.

Está muito bem distribuída a comedia, e d'ahi o desempenho magnifico e o exito obtido.

Basta dizer-se tambem que o marido é interpretado por Ignacio, a esposa por Barbara, e emfim que Telmo, Sophia Santos, Cardoso, Palmyra, Torres, etc., se encarregam de outros engrandadissimos papeis, e facilmente se comprehenderá o exito que no Gymnasio teve a peça allemã.

Príncipe Real

Os Lazaristas

Quem firma estas linhas assistiu, ha bons vinte annos, á primeira representação dos *Lazaristas* no Gymnasio. Noite inolvidavel em que se viu cercado de todas as glorificações um escriptor portuguez. A policia deu-se as mãos com a critica e a litteratura, e nunca ao auctor de uma peça se fizera manifestação mais ruidosa. Dos camarotes e da plateia estendera-se a ovação ao palco, subitamente invadido por todos os *gras bonnets* do partido progressista, pelos jornalistas e homens de letras em evidencia, e por um sem numero de admiradores e amigos pessoas que aclamavam phreneticamente Antonio Ennes, enlaçando no mesmo enthusiasmo o moço e vigoroso apostolo da liberdade, o demolidor audaz de uma seita combatida, e o escriptor que com tanto brilho dramatico fazia as suas primeiras armas no theatro.

O dramaturgo estava lançado, o nome estava feito, e essa noite era mais que um baptismo, era uma consagração. Quantos desejariam acabar por onde Antonio Ennes havia começado? Quantos homens de talento sonharam com a meta inacessivel que elle conquistou *an premier abord*!

O exito colossal de Lisboa propagou-se ás provincias e de Portugal ao Brazil, onde a obra demolidora do dramaturgo conquistou a maior glorificação que pode ser sonhada por um revolucionario de idéas: uma revolução na rua. O governo brasileiro prohibia as representações dos *Lazaristas*, a *Gazeta de Noticias* detirára carvão na fornalha das indignações, e d'ahi tumultos populares de tal ordem, que deixaram de si memoria sangrenta.

Passam, porém, duas decadas de annos, e volta agora á scena no Príncipe Real a peça que tão aclamada fora. Levamos para o theatro a recordação d'essa noite, na qual se fixava a figura d'esse padre Bergeret, em que Joaquim d'Almeida conquistára um dos maiores triumphos da sua carreira artistica. Iamos vel o de novo, a elle mesmo, n'esse mesmo personagem que revivia a insidia, a malignidade, o espirito de ganancia e de intriga, de toda uma seita. De resto, estavam bem recentes esses conflictos com o elemento jesuitico, que tiveram por origem o caso Calmon, e a lembrança d'elles deveria dar uma certa actualidade ao drama de Antonio Ennes.

Quando sobre o primeiro acto se erguia o parno, entrámos no theatro, e da primeira á última scena não uma palavra nos escapou. Como que estavamos avidos de conhecer na origem o que fôra que tantas emoções nos dêra, que tantas discussões levantára, que fizera tamanho ruido. A pouco trecho, porém, reconhecimos a inanidade do nosso efforço espirital, e surpreendidos perguntámos a nós mesmos se aquelles *Lazaristas* de ha vinte annos, que com tanta vehemencia impressionaram uma geração inteira, eram a mesma obra de theatro que hoje nos deixava indifferentes, frios, retractorios a qualquer emoção de arte. Ou esta se refizera por completo, ou no nosso espirito uma transformação se operava, ou os tempos mudavam por tal forma, que bem se pôde hoje considerar mediocre o que hontem era tudo por sublime. Os *Lazaristas* fizeram-nos agora o effeito de uma peça excessivamente rhetorica, em que as declamações abundam, e em que a solução de zêsses revolucionaria, posta pelo auctor, se menos da acção que dos discursos rhetoricos que rebatem de todos os personagens. O lazarisismo e a liberdade estão em jogo, e o triumpho que um dos lados conquista é declamado por forma que sobrepuja e apaga a acção.

Este é o defeito principal em qualquer obra de arte, mas justo é dizer que esta ainda hoje se salva pelo brilho e vigor litterario da phrase, pela vehemencia da apostrophe, pelos encantos, em summa, de uma linguagem que evoca constantemente as glorias obtidas por Antonio Ennes nas luctas da imprensa, em que ainda está por preencher o seu lugar de jornalista eminente.

Colyseu dos Recreios

O novo Fakir

Se não está na vanguarda tambem não poderá dizer-se que Portugal está na reatguarda das nações. E' ver o Fakir. E' a celebridade d'esse Fakir I correr mundo e chegar ao Colyseu das Portas de Santo Antão, que se enchia por completo dos que queriam examinar esse prodigio de insensibilidade.

Pois bem. Não tinha elle ainda sabido de Lisboa, e já outro Fakir surge, fazendo mais do que o primeiro, mais limpo, melhor, com mais sinceridade.

Acresce que o Fakir II é um fakir bem educado, novo, intelligente, acabando de cursar uma escola superior, e corando-se com um nome portuguez, bem portuguez: Raphael da Silva Marques.

Para que a sua estreia no Colyseu dos Recreios fosse um acontecimento eram de sobejo circumstancias tão variadas, e que a arrojada tentativa, pelo que representa de vontade e de coragem só devia merecer sympathias, prouvo-n'os bem o acolhimento festivo e entusiastico que lhe fez o publico d'essa noite, e que até hoje não tem diminuído.

O apreccimento todas as noites do *homem insensivel* constitue um numero dos mais attractantes e prova que se elle tem geito para Fakir, Antonio Santos não tem menos geito para empresario.

JAYME VICTOR.

BRASIL PORTUGAL

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora
Largo do Londe Brito, 30Página supplementares: Off.º Estevão Nunes & F.º
Rua d'Assumpção, 19 e 21

Directores

Augusto de Castello, Jayme Victor, Louiº Tavares
Editor — Luiza Antonio Sanchez
Redacção e administração — Rua de S. Roque, 135
Esd. telegraphico — BRATUGAL — LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA		ESTRANGEIRO	
Numero avulso.....	16\$000	ANNO.....	58\$000	AERO.....	58\$000
ANNO.....	2\$000	6 MESES.....	29\$500	6 MESES.....	45\$000
		3 MESES.....	15\$500	Numero Avulso.....	2\$000
		Numero avulso.....	2\$500		

SUMMARIO

A caça em Portugal — T. Coelho.

O José Calisto — CAEL.

Politica internacional — CONSIGLIERI PEDROSO.

Romance e poesia no Brasil — LEOPOLD DE FREITAS.

Como se fundou a Sociedade de Geographia de

Lisboa — RODRIGO ARNOSO FEIJÓ.

Dr. Bernardino de Campos — A. Redacção.

José Vaz (imitador) — CARLOS CALISTO.

A verdade no theatre — F. A. VIDAL.

Outro aeronauta brasileiro — AUGUSTO SEVERO.

Jardins de Lisboa: Os jogos de jardim — A. M.

DA CUNHA BELLEM.

Uma loucura feliz — D. João da CAMARA.

Os mortos.

Theatros — JAYME VICTOR.

PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.

Representantes do «Brasil-Portugal».

O nosso proximo numero.

Capas para o «Brasil-Portugal».

Martinho Tenreiro.

O NOSSO JORNAL — (A quinzena noticiosa.)

Cartas da Quinzena.

ANNUNCIOS.

24 Illustrações

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem 14 os seguintes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO — S. PAULO — Agência Central

e os Theatros do Sul: Conde Theobaldo Pupo de Moraes

e José Martins Pollo, Rua de Alfândega, 4, tel. 401.

PERNAMBUCO — A. Leopoldo da Silveira.

PARAÍSO — J. B. dos Santos — (Livreria Classica) — Rua

João Alfredo, 30.

MANGUÁ — Jayme & Camara — Livreria Classica —

Rua Guilherme Moreira.

MARANHÃO — Leoncio J. de Medeiros & C.ª

CEARA — Baltes Torres & C.ª

BAHIA — José Luiz da Fonseca Magalhães (Livreria

Magalhães) — Rua Direita do Palácio, 28.

PELOTAS — Carlos Pinto & C.ª (Livreria Americana).

PORTO ALEGRE — Carlos Pinto & C.ª (Livreria Americana).

RIO GRANDE DO SUL — Carlos Pinto & C.ª (Livreria

Americana) — Rua Marchal Floriano, 100.

Em Africa

MOÇAMBIQUE — Julio Augusto Pinto de Carvalho.

BOGALMEIAS — Joaquim Teixeira de Assumpção.

QUELIMANE — Henrique Jorge do B. Neves.

BENGUELLA — Mathews & Tavares.

LOURENÇO MARCHES — D. Bernardo Heitor da

Silveira de Lorenza.

BOLMA (Guiné) — Cesar A. Gouveia da Silva Thomaz,

Theouetiro geral da Provincia.

Na India

NOVA GOA — Antonio M. da Cunha — Casa Lusa

Francosa — Rua Alfonso de Albuquerque.

No Continente

PORTO — Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa,

245.

EVORA — (Agente geral em Evora e no Sul) Luis

Freire Correia, Rua de Ladeira, 18.

BESAVENTE — J. N. S. Carvalho.

PONTE DE LIMA — Gama, Amaral & Com.ª.

COIMBRA — João Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 14.ª

CASTELO BRANCO — Pedro Augusto Fossas.

BIBANES — Antonio Augusto Saignes.

ELVAS — João Antonio dos Santos Sobrinho.

ALCOBAÇA — José Narciso da Costa.

PORTALGEE — Domingos da Guerra Conde
LEIRA — Manuel Pereira Dias.
FIGUEIRA DA PÓS — Antonio Marques de Oliveira
VIANNA DO CASTELLO — J. B. Domingues.
CORCHIL — José Pereira Cabral.
TAVIRA — José Maria dos Santos.
PARO — Maya & Trigozo.

No Estrangeiro

PARIS — Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 16.

REPRESENTANTES DO «BRASIL-PORTUGAL»

No Estado de S. Paulo (Brasil) representam o
Brasil-Portugal os srs.:

Daniel Monteiro d'Abreu, em S. PAULO.

Zefirio Lourenço Martins (vice-consul de

Portugal), em SANTOS.

Alberto da Silva Costa (rua do Barão da Jaguara,

n.º 1), em CAMPINAS.

Dr. João Guedes (rua do capitão Miranda, 8),

em AMPARO.

A. Vianina Pinto de Sousa (vice-consul de

Portugal), no RIBEIRÃO PRETO.

O NOSSO PROXIMO NUMERO

No n.º 71 a sair, daremos as vistas do
Suave Milagre, o mysterio que o sr. conde
de Arnoso extrahiu, para o theatre de
D. Maria, do adorado conto de Eça de
Queiroz, assim intitulado.Acompanharão o artigo critico da peça
os retratos de Eça de Queiroz, o contista;
do conde de Arnoso, o dramaturgo;
de Alberto d'Oliveira, o poeta dos deli-
ciosos versos, que se ouvem com tanto
encanto no decorrer do *Suave Milagre*;
de Oscar da Silva, o inspirado composi-
tor da musica; e de Manini, o incompara-
vel artista a quem se deve toda a es-
plendida scenographia do mysterio.O «Brasil-Portugal» tem desde hoje
a honra de contar no numero dos seus
colaboradores a distinctissima escriptora
D. Claudia de Campos, *Colette*, a roman-
cista admirada da *Sphinge*, e a contista
delicada do *Rindô*.O seu nome já illustre nas letras por-
tuguezas, firmará em breve um conto,
que será illustrado.Continuando a brindar os seus leitores
com os interiores mais artisticos das casas
aristocratas, esta Revista dará, em dos
proximos numeros, reproduções pela
grafia photographica de Arnaldo da
Fonseca, o seu distincto collaborador
artístico, alguns dos aposentos do lindo
palacetto do sr. conde de Arnoso. A des-
cripção d'elles está incumbida a Abel
Botelho.E assim, acompanhando os acentua-
mentos palpantes de todos os dias, o
«Brasil-Portugal» proporcionará aos
seus assignantes do reino e de todo o
Brasil, as novidades artisticas mais nota-
veis.

CAPAS PARA O «BRASIL-PORTUGAL»

A empresa encarrega-se de fornec-
er aos srs. assignantes do **Brasil-Portugal**
capas elegantes e
simples, para encadernação do 1.º
e do 2.º anno da Revista, ao preço
de 800 réis cada capa; e sendo a
encadernação por conta da empresa,
1\$200 réis cada volume.No Brasil custa cada capa réis
5\$000.Os pedidos podem ser dirigidos a
esta administração ou ás agencias do
Brasil-Portugal.

MARTINHO TENREIRO

O sr. conselheiro Martinho Tenreiro, que mor-
reu no dia 13, era dos politicos mais antigos e
mais considerados do nosso paiz. De caracter
integro e honesto, entrou na politica por paixão
e n'ella se conservou, não ditos pelo mesmo
sentimento, mas pelo de lealdade ao partido,
que o tinha como ornamento — o progressista —
de cujo chefe era um dedicado amigo.Começou a sua carreira como administrador
do extincto concelho de Belem, onde gosou
sempre grande popularidade, porque, sendo me-
dico, e fazendo da medicina um verdadeiro sa-
cerdocio e não uma industria, no bairro de Al-
cantara, onde residia, gozava grandes sympathias.
Foi vereador, governador civil de Lisboa e de-
putado em diferentes legislaturas, occupando
muitas vezes a presidencia da Camara. Era ago-
ra adjunto ao provedor da Misericórdia de Lis-
boa e provedor do asylo de Nossa Senhora da
Ajuda.Deixou testamento, visto estar viuvo ha um
anno, instituindo seu herdeiro um sobrinho, o
sr. David Rocha.

Bom conselho

— Como tu estás abotucado, rapaz!
— Que queres? Loucuras... excessos... o
diabo!...
— Mas agora reparo... Tu estás forte, rijo,
com boas cores. E eras tu fransino!
— Cousas, meu velho. Faze como eu. Toma
o **Chocolate Brasil**, que se fabrica no
Moinho de Ouro, no Largo de S. Francisco
do Rio de Janeiro.

O NOSSO JORNAL

(A quinzena noticiosa)

Visita do Ministro de Portugal no Brasil no Estado de S. Paulo

Já o dissemos, publicando algumas gravuras da recepção feita em Santos ao sr. conselheiro Camélio Lampreia, illustre ministro de Portugal no Brasil, que toda a sua recente visita ao Estado de S. Paulo fica verdadeiramente triumphal. A colonia portugueza e os paulistas esmeraram-se em testemunhar ao distincto diplomata o alto apreço em que ella é tido na vasta republica do Brasil.

Os jornaes de Santos, no dia da chegada do sr. Lampreia publicaram longos artigos encomiasticos para s. ex.ª e para o paiz que tão dignamente alli representa.

Um d'elles, dizia:

«São tão intimas e tão estreitas as affinidades que existem entre os dois povos irmãos, que a visita do illustre diplomata não significa para nós simplesmente a presença de um funcionario graduado incumbido de zelar pelos interesses dos seus compatriotas domiciliados no territorio da Republica, mas um velho conhecido, um bom amigo, a quem a nossa patria deve em mais de uma circumstancia, relevantes servicos e a quem estima como o fiel interprete dos sentimentos affecionados que vinculam indissolvelmente as duas nacionalidades.

«As relações excepcionaes que ligam Portugal ao Brasil, oriundas das suas affinidades historicas, da identificação dos seus interesses, da equalidade da lingua, cabendo em partilha aos dois povos as mesmas origens, os mesmos destinos durante mais de tres seculos, fazem com que não vejamos no representante da valha e heroica nação um simples diplomata, abroqueado nas conveniencias e nas reservas que o cargo impõe, mas o filho de um paiz irmão, um amigo a quem abraçamos effusivamente, sem os embarracos creados pelas etiquetas palacianas e sem as sujeições apparentes exigidas pelas rigores da pragmatica.

«É antes como interprete dos sentimentos de estima fraternal dos filhos da lusa terra, como portador dos seus affectuosos carinhos e vivas sympathias, é antes como irmão do que como diplomata que devemos receber o sr. conselheiro Lampreia, que, mais do que a representação official do seu paiz, traz-nos a voz amiga dos irmãos d'alem-mar e os votos, que constantemente permuam, de felicidade reciproca.

Não sabemos nem queremos embarcar-nos com as exigencias do ceremonial diplomatico, no estreitar em nosso seio, como brasileiros e como interpretes, a esta caso dos sentimentos de todos os nossos compatriotas, aquelle que vem, em nome de uma raça, que á a nossa, da um povo, de que tirámos a origem, de uma nação, cuja sorte partilhámos durante seculos, de um paiz que ainda hoje, como sempre, nos me-

rece o mais carinhosa solicitude e o mais sincero desejo de franca prosperidade, dar-nos as seguranças de uma estima intensa e duradoura e consolidar ainda mais, se é possível, os laços que unem os dois povos eguaes.»

Era muito cedo quando o vapor *Danube* foi avistado em Santos, mas apesar da hora devera matutina e ainda não eram sete—já se achava reunida em frente á guarda moria, muita gente. Parte, logo que a bateria do Monte Serrat allow, embarcou n'um rebocador. Entre esses cavalheiros notavam-se os seguintes: commendador Zeferino Lourenço Martins, vice-consul portuguez; commendador Bernardino Monteiro de Abreu, consul de Portugal em S. Paulo, e sua filha D. Eustachia de Abreu, Carlos d'Alfonseca e familia, commendador Pereira Coutinho e filha, Viriato Corrêa da Costa e José Rodrigues Goelho, presidente e secretario do Real Centro Portuguez; commendador Manuel Homem de Bettencourt e Paulino Netto de Freitas, da Beneficencia Portugueza; Castro Pinto, João Candido da Rocha e Joaquim Fernandes Leal, da Colonial Portugueza; Custodio Tavares da Silva, João Antunes dos Santos, dr. Malta Cardoso, Sr. Antonio Corrêa, Antonio Pereira Coutinho, Arthur Peixoto e Sebastião Faria.

Quando o rebocador chegou junto do *Danube* onde se viam encostados á amurada o sr. conselheiro Lampreia, sua esposa e filhinhos, os passageiros saudaram os com os chapéus, e a banda *Colonial Portugueza* tocou os hymnos portuguez e brasileiro. Então, subiram ao paquete os visitantes que foram apresentados pelo vice consul, voltando todos depois para terra a bordo de uma lancha. Ao passar esta em frente do cruzador *Tymbrá* este navio prestou ao nosso representante as homenagens do estylo. Ao desembarcarem, a banda dos bombeiros executou o hymno da carta, ao som de foguetes e de uma salva de 21 tiros. A multidão que alli estava aclamou ruidosamente o nosso ministro que tomou logar n'um landau, em direcção ao hotel José Menino onde foi servido um almoço intimo. Ao champagne, o sr. Zeferino Martins saudou em nome da colonia portugueza o sr. Lampreia que agradeceu, saudando a colonia.

Depois voltou para a cidade visitando a Beneficencia portugueza onde o sr. Manoel Homem de Bettencourt lhe entregou o diploma de socio benemerito. D'all tornou a embarcar para visitar uns dos sitios mais pittorescos de S. Paulo, o aprazivel Guarujá.

O nosso ministro visitou ainda a cidade de S. Vicente, sendo recebido na Sociedade Humanitaria dos Empregados no commercio pela directoria e por avultado numero de socios.

Depois de percorrer as dependencias do edificio, entrou no salão principal, sendo-lhe servida uma taça de *Champagne* saudando-o por essa occasião o dr. Ildoro Campos.

A esse brinde eloquentemente proferido, o illustre ministro agradeceu as atenções que lo foram dispensadas.

De Santos, onde se demorou 3 dias, foi o sr. Lampreia á cidade de S. Paulo acompanhado de varios cavalheiros de Santos. A estação da Luz estava visivelmente embandeirada e muito concorrida.

Receberam-o o ajudante de ordens do sr. Presidente do Estado, o Conde S. Joaquim e familia, conselheiro Duarte Rodrigues, M. Garcia da Silva, commendadores Cerqueira de Mello, Pinto da Rocha e muitos outros representantes da colonia e associações portuguezas, entre as quaes o Club Gymnastico e representantes da imprensa. Levantaram-se então vivas e aclamações a Portugal e a ao Brasil, executando-se na *gare*, os hymnos das duas nações.

Em seguida, foi conduzido pelo ajudante da Presidencia, em landau especial, que o transportou á *Rotisserie*, onde s. ex.ª se hospedou sendo alli muito comprimtado.

No dia seguinte foi ao palacio comprimtado o sr. dr. Rodrigues Alves, visitando depois o chefe de policia. A noite houve jantar, fazendo-se ao *desert* os seguintes brindes: do sr. Garcia da Silva, em nome da colonia portugueza ao ministro; d'este aos seus amigos de S. Paulo e aos srs. Sá Rocha e Neves Junior; do sr. Sá Rocha e Neves Junior; do Sr. Rocha, ao representante da nação portugueza; do sr. Neves Junior, a colonia portugueza de Santos; do sr. Zeferino Martins, a colonia portugueza de S. Paulo; do sr. conselheiro Lampreia, á imprensa paulista; do sr. commendador Bettencourt, agradecendo a saudação levantada aos amigos de Santos; do sr. Manoel Garcia da Silva, aos filhinhos do sr. conselheiro Lampreia; do sr. Sebastião Faria ao ministro portuguez; do sr. Sá Rocha, á imprensa portugueza, representada no sr. Lorjô Tavares; d'este agradecendo, á imprensa brasileira.

Em Campinas, houve varias manifestações populares em honra do ministro. A cidade apresentou um lindo aspecto, as ruas todas embandeiradas, musicas, foguetes e vivas. O cortejo seguiu a pé da estação para o Hotel, onde o dr. Brenno dos Santos saudou, n'um brilhante discurso o ministro portuguez.

A noite houve em sua honra um banquete e no dia seguinte um lauto almoço ao qual assistiram os srs. tenente coronel Fernando Leite, Presidente da Camara e José Manoel Mendes, Presidente da Commissão da recepção; Alfredo Vianna, vice-consul de Portugal e o dr. Francisco Cesar, Delgado de Hygiene Municipal; Bernardino de Abreu, consul de Portugal em S. Paulo, e Andrade, vice consul em Campinas, dr. Joaquim de Siqueira, Intendente Municipal, tenente Innocencio de Abreu, Marcelino Duarte e Antonio M. de Araújo; Brenno dos Santos, dr. Fabio Barreto, major Seraphim Vieira, Albino de Moraes, J. A. Marinho, Lorjô Tavares, dr. Niccolò Guimarães, Alberto Costa, Manoel Carneiro, alferes, Frans Diederichsen, J. Proença da Fonseca, M. D. Teixeira Pinto, Joaquim Tavares, dr. Floriano Leite, tenente Francisco do Sacramento, tenente João de Mello, Carlos Brandão, dr. Eduardo Leite, dr. Sebastião Lobo, dr. Leal

VINHOS VILLAR D'ALLEN CHAMPAGNE VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

AGENTES: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.ª

Rua 1.º de Março, 59 — RIO DE JANEIRO

O CARTAZ DA QUINZENA



S. Carlos. — Operas em ensaios: *Mephistopheles e André Chénier*; operas novas anunciadas para breve: *Meistros cantores de Nuremberg*, de Wagner.
—Regina Paccini debuta no *Barbeiro de Sevilha*.

D. Maria. — Em ensaios *Renascença*, em verso, de Edmond Rostand, tradução do sr. Mayer Garção:

Sylvia.....	Cecilia Machado
Straforel.....	Ferreira da Silva
Perceinot.....	Carlos Santos
Bergamini.....	Joaquim Costa
Paquinol.....	Carlos Posser
Braz.....	Manuel Nobre

e o *Enigma*, dois actos, prosa de Paul Hervieu:

Raymundo.....	Fernando Maia
Gerardo.....	Carlos Posser
Marquez de Nêste.....	Ferreira da Silva
Vivarec.....	Carlos de Oliveira
Lourenço.....	Pinto de Campos
Um creado.....	Manuel Nobre
Leonor.....	Georgina Pinto
Gisella.....	Augusta Cordeiro

D. Amélia. — Em ensaios o original de Julio Dantas, o *Crucificado*:

João Soares.....	João Rosa
Antonio Carvalhaes.....	Luiz Pinto
Pascoal, rabequista.....	Pinheiro
Chrystomoso.....	Augusto Rosa
Izido.....	João Gil
Helena.....	Angela Pinto
Maria Rosa.....	Delphina Cruz
Amparo.....	Maria Pia
Sr. Encarnação.....	Carolina Falco
Anna, contrabandista e adida.....	O'Sullivan
Emilia, creada.....	Candida de Souza

Em Lisboa. Actualidade.

Para breve annunciam-se uns espectaculos pela *troupe* de Lucilia Simões e Christino de Souza, ha pouco regressada do Brasil. Representará a *Zéda*, *Lagarixia* e outras peças do seu repertorio.

Trindade. — Está marcada para a noite de 28 a primeira representação da revista do anno original do sr. Accacio de Paiva, *A arte nova*, que vai ser posta em scena com grande aparato. A scenographia do sr. Augusto Pina promete grandes surpresas.

Gymnasto. — Está em ensaios a peça em 3 actos, *Vencidos*, original do sr. Ernesto da Silva, para beneficio da actriz Adelaide Coutinho. A distribuição é esta:

Armando Lopes.....	J. Soller
Anselmo Lopes.....	Ignacio
Alfredo d'Oliveira.....	Telmo
Abel Ferraz.....	Annibal Pinheiro
Baptista.....	Salles
Jéca, creonça.....	N. N.
Luiza.....	Adelaide Coutinho
Augusta.....	Barbara
Hortense.....	Palmyra Torres
Gabriella.....	Isabel Berardi
Maria.....	Palmyra Ferreira
Joanna.....	Emilia Berardi

Avenida. — Em ensaios o *Tição Negro*, a nova opereta de Augusto Machado e Lopes de Nêdonça, cuja distribuição é esta:

D. Gonçalo de Lemos, fidalgo portuguez.....	Alfredo de Carvalho
Ayres, Rosado, escudeiro.....	Antonio Sá
D. Inigo de Aguasfuerres, castelhano.....	Gomes
Aparicio, creado de Ayres.....	Correia
Ernando, preto.....	Roldão
Pero Piteira, ouvidor.....	Santos Junior
Padre Bastião, capellão de D. Gonçalo.....	Amaral
O alcaide.....	Ricardo
Um beleguim.....	Rebocho
Geneira, padeira e feiticeira.....	Josina
Cecilia, filha de Gonçalo.....	Palmyra Bastos
Branca, sobrinha de Gonçalo.....	Gabriella Lucey
Brites, sia de D. Branca.....	Francisca Martins
Giralda, padeira.....	Beatriz Santos

Gente do povo, padeiras, beleguims e vendedores ambulantes.

A acção passa-se no seculo XVI. Depois entra em ensaios *A filha do Inferno*, magica de Eduardo Garrido.

Rua dos Condes. — A nova revista do anno, original dos srs. Alfredo de Mesquita e Camara Lima, intitulada *Na ponta da unha*, tem musica do maestro Dias Costa, e sobe á scena em beneficio de Beatriz Rente.

Os varios papeis estão assim distribuidos:

Domingos Dias Santos.....	Valle
O ferro velho, 2.º amarelo, o boticario, 1.º psychiatria, o escrívão Confucius.....	Silva Pereira
Marte, o doente, Hamlet, o protector.....	Ernesto do Valle
Saturno, 4.º partido, vivas e manifestações, 2.º psychiatria, o cangalheiro, José Maria, 1.º mandarim, o Campo de Sant'Anna, Afonso de Albuquerque.....	Santos Mello
Plutão, o ablativo, o vertical, 2.º deputado, raptor, o hortello.....	Annibal Fragozo
Baccho, 1.º amarelo, 3.º psychiatria, medico, o Festas, asylos, melhoramentos.....	Roque
Vulcano, 2.º partido, 4.º psychiatria, o dentista, o espirito, 1.º deputado, 2.º regimento, o reformador.....	Pinto Costa
Mercurio, o andador das almas, o atropellado, o padre, o occultista, um buio, viação, 3.º mandarim.....	José Franco
1.º pepino, o codilhado, o pedicuro, o protegido, o preitor, 2.º mandarim, cautelheiro.....	Alves
Neptuno, 1.º partido, 5.º psychiatria, o sogro, 3.º galopim, cemiterios.....	Paulo

2.º pepino, 3.º partido, 6.º psychiatria, 3.º deputado, martyr da liberdade.....	Albuquerque
Jupiter, 1.º bufo, o elixir, 1.º galopim, 1.º regimento.....	Wanzeller
3.º pepino, o Mosca, o anarchista, o massador.....	Martins
Um garoto, 2.º bufo, 2.º galopim, um brasileiro.....	Rodrigues Beatriz
A Gualdina.....	
Ditosa Patria, A Folia, A Horisontal, A Retiçencia, Rosa Engeitada, Cocotte, A Superstição, A Praça, A Tracção Electrica.....	Accacia Reis
Cybele, 1.º Má lingua, A Junta Liberal, A Severa, Fazenda, Mei jin.....	Rosa de Oliveira

O Fraco da União, D. Mecia, A Dissolução, O Jogo, 1.º Excursionista.....	Rafaela Fons
A Velha, O Ponto de Exclamação, Iluminação, Excelente senhora.....	Virg.ª Farrusca
3.ª Má lingua, O Ponto de Interrogação, A Dama das Camélias, Beneficencia, Condecorada.....	Isabel Pacheco
O Seducitor Cadete, Accento Agudo, A Sinhã.....	Maria Emilia
Diana, A Virginia, Matadouro, 2.º Excursionista.....	Diana
Venus, Lingua de trapos, Limpieza e regas.....	Marietta Mariz
Ceres, 2.ª Má lingua, O T.ª Vesta, A Cedilha, Aguas.....	Isabel Ferreira
Apollo, O Accento grave, Jardim.....	Laura
Apóstrophe, Pequena Mendiga.....	Emma Reis
Minerva, A Borboleta, O Accento Circumflexo.....	Maria José
Amphitrite.....	Marianna

Principe Real. — Em ensaios *O Afrimim*, peça original do sr. Lopes de Mendonça, para a recita do empresario Luiz Ruas.

Os principaes papeis distribuidos a Adeline Ruas, Joaquim de Almeida, Maria das Dóras, Amélia Pereira, Setta da Silva, Verdial, etc. Augusto Pina pintou uma scena nova para o 2.º acto d'esta peça.

Colyseu dos Recreios. — A grande novidade annunciada são os ursos emstrados. D'estes se dizem maravilhas. São ursos parecidos com muitos que para ahi andam de chapéu alto e sobrecasaca. Mesmo muito mais intelligentes do que alguns d'esses. Andam a cavallo e de velocipede, como quaesquer *sportsmen*; jantam, põem guardanapos aos pescocões como uns *bibés* assediados, e até tam, ao que se diz, bebe de mais ao jantar como um simples mortal e cambaleia depois como toda a gente que bebe de mais.

A companhia que tantas e tão appetiveas variedades tem apresentado, trabalhará até o Carnaval, depois será substituida por uma companhia toda de novidades a qual cederá o seu logar para a Paschoa a uma companhia lyrica.

Real Colyseu. — Lá vai andando com tudo o que outro Colyseu lhe lega, e que elle fornece ao publico com cincoenta por cento de abatemento. E' no genero de espectaculos como que uma liquidação de antiguidades a *bon marché*.



da Cunha, Americo Penna, Bento Vieira L. S. Falça, José Guimarães e Deciolec Veloso.

Servindo-se o champagne, o primeiro brinde levantou-o o sr. dr. Leal da Cunha, que saudou na pessoa do Ministro a intima amizade entre Portugal e o Brasil, agradeceu o sr. Lamproia dizendo que se não fora português teria muito prazer em ser brasileiro.

Ainda n'essa tarde o ministro viu o *Grupo Escolar*, deixando no livro dos visitantes as suas impressões, e voltando ao Hotel onde jantou com a comissão dos festejos. Perto das 8 horas da noite, começou a juntar-se a multidão à porta. Um grupo de rapazes bombeiros que costumam reunir-se n'um café em frente do hotel, organizou uma marcha *ad hoc* *flamenco* e o sr. Lamproia passou entre alas, sob uma chuva de vivas, de foguetes e de palmas que recrudesceram na gare, onde o entusiasmo chegou ao delírio.

O sr. Lamproia viu ainda a cidade de Amparo, onde o acolhimento foi como em toda a parte, deveras entusiástico.

E para que se possa avaliar bem o que foi toda a viagem, basta reproduzir de um jornal do Rio, este trecho de um artigo descriptivo das festas:

«Vimos velhos portugueses, residentes ha dezena de annos no Brazil, alguns ha mais de meio seculo chorarem d'enternecido enthusiasmo patriótico; vimos moços brasileiros, dando expansão ás suas almas boas e puras victoriando o nosso querido Portugal, victoriando o sr. ministro, victoriando a colonia portugueza como a querida irmã e dilecta; vimos, finalmente, numerosas e elegantes damas da primeira sociedade de Ribeirão Preto acompanharem a pé o triumphal cortejo, e depois, no momento da partida, corresponderem com delirante enthusiasmo á útilima vibrante saudação que o sr. ministro lhes dirigiu, agitando nervosamente os seus brancos lenços perfumados n'um adeus sincero, affectuoso, significativo, enternecedor!»

O Governo e o Banco de Portugal

A questão suscitada entre o Governo e o Banco de Portugal tem sido o ponto obrigado de todas as conversas, n'esta quinzena. O Governo, autorisado por um decreto, iniciou algumas negociações com o conselho de administração do Banco para a reforma do contracto. Quando tinham as duas partes chegado a um accordo e o conselho de administração concordado com o Ministro sobre todas as bases, é convocada a assembléa geral do Banco, e os administradores declaram que não poderão dar amoros pelo contracto. Instá o Governo pela assinatura d'este e o conselho de administração recusa-se a assignal-o, apesar de ter n'elle comprometida a sua responsabilidade.

Então o Governo offiça ao Banco, desistindo do contracto, e esse offiça cábe como uma bomba em pleno conselho. Os administradores que queriam estar bem com Deus e com o diabo, isto é com o Governo e com os accionistas, ficam sem saber o que hão de fazer. Um d'elles, mais meticoloso exonerá-se, despede-se dos empregados, mas no dia seguinte volta ao Banco, apesar d'isso; e ainda lá está.

A questão encontra-se n'este pé. O Governo dá ao Banco a liberdade de acção, reservando a tambem para si. Isto envolve uma ameaça que pôde ser a ruína do Banco e por isso facilmente se comprehende o susto dos accionistas, que vão reunir novamente e desta vez ao que parece, com mais desejos de aceitar o contracto com o qual a principio não sympathizavam.

Congresso colonial

O congresso colonial que se realizou nas salas da Sociedade de Geographia foi muito concorrido. A sessão inaugural presidiu El-Rei com S. M. a Rainha, discursando o conselheiro Ferreira do Amaral, presidente da Sociedade; Ernesto de Vasconcellos, secretario geral; o relator geral do congresso dr. Silva Telles e o ministro da marinha.

El-Rei pronunciou este discurso:

«Pede-me o presidente da Sociedade de Geographia para declarar aberta a primeira sessão do congresso colonial nacional. Faço-o com verdadeiro jubilo, agradecendo em primeiro logar as palavras que nos dirigiu, ó rainha, a meu fi-

lho e a mim, palavras que me tocaram fundamentalmente, tanto mais que vejo n'ellas quanto comprehendem o amor e a dedicação que eu professo pela minha patria e pelo meu povo.

Pede-me o presidente da Sociedade que eu dirija palavras de incitamento a esta aggrimação. Palavras de incitamento não são necessarias a aquellos que tem cumprido a seu dever, que tem prestado á patria portugueza os serviços que esta Sociedade tem prestado até hoje. Palavras de louvor, sim, em nome da patria, em nome do povo português, votos para que continue a ser o que tem sido até agora, para bem e engrandecimento da terra que nós todos tanto amamos.

Está aberta a sessão do congresso.

A quatro sessões em que se trabalhou presidiram respectivamente os antigos ministros Julio de Vilheno, Marianno de Carvalho, Eduardo Villaça e Ferreira do Amaral.

Entre outras resoluções, tomaram-se as seguintes: Solicitar do governo: o serviço hygienico das colonias; o serviço medico sanitario dos transportes para o ultramar; o estabelecimento dos serviços de desinfecção, isolamento, analyses bacteriologicas e vaccina nas colonias; e de sanatorios nas duas costas africanas; o de postos produtores de vaccina anti-varicella em Lourenço Marques, Cabo Verde e Ilhas; a organização de um serviço de assistência; o estabelecimento do ensino colonial em todas as escolas; e de missões commerciaes, etc.

Depois houve um banquete no salão do theatro de D. Maria offerecido aos congressistas e uma sessão solemne com concerto na Associação Commercial.

Reformas militares

Novos decretos publicou o Sr. Ministro da Guerra completando a defesa de Lisboa, segundo a nova organização. São elles:

1.º Dissolvendo os regimentos n.ºs 5 e 6, de artilheria de guarnição, e creando em seu lugar seis grupos de artilheria de guarnição, numerados de 1 a 6, a tres baterias cada grupo;

2.º Fixando a guarnição, em tempo de paz, do campo entrenchado de Lisboa, em harmonia com a nova divisão em sectores;

3.º Fixando a guarnição, em tempo de paz, do campo entrenchado de Lisboa, em harmonia com a nova divisão em sectores;

4.º Creando uma companhia independente de tropas de engenharia denominada *companhia de torpedeiros*, e transformando em *companhia independente de sapadores de guerra* uma das actuaes companhias de sapadores mineiros;

Regulando o systema de defesa submarina e fixando os respectivos quadros.

Está para breve tambem a reforma da circumscripção territorial, o que deve levantar talvez protestos mas que se impõe como uma necessidade inadiavel, visto a divisão actual estar longe de ser perfeita. Basta dizer que o Porto, a segunda cidade do reino tem apenas um destacamento de cavalleria emquanto outras cidades de menos importancia tem um regimento inteiro. Isto como exemplo para explicar as razões que o ministro tem para essa nova divisão.

Santos Dumond

O Centro de Sciencias, Letras e Artes, de Campinas, enviou ao seu conterraneo o arrojado astronauta Santos Dumond a seguinte mensagem:

Intrepido e perseverante patriótico!

Por virmos tarde, como um echo com que esta terra responde ás aclamações do Mundo, nós nos tenhamos por indifferentes andavamos dispersos, eia qual a sonter o seu enthusiasmo, e foi a sympathy por vós que nos uniu, foi a admiración por vós que nos congregou, já para que, cazadas as nossas vozes, fósse mais altiva a saudeja, já por que o estímulo da vossa victoria nos levou a buscar nas Sciencias, nas Letras e nas Artes meios de seguirmos o vosso passo de triumphador pacifico.

«Cabeçal, qual como filha, a terra de onde vos saudamos, foi aqui, envolvido nos crepusculos, que comegastes a contemplar o vosso caminho — o espaço! o «Pouso de Bandeirantes», desbravador das florestas, devia ser o diversorio do Homem alado que transita nos ares. Foi d'aquí que partiste levando n'alma, como um germen, essa idéa que se fez realidade, essa utopia que desabrochou em gloria.

Iniciastes as conquistas do seculo e a vossa deza distanciadas quantas a precederam: não abundas estradas novas a gume de machado — nunca olhastes com temor o tronco fendido e morto! — não rompestes rúos desconhecidos talhando com a proa da náo as aguas do mar soberbo, sentido no rosto a humida e salgada injuncta da procella; não visitastes, no vosso itinerário, montes vicinios e ruinas — a vossa victoria é igual a de Deus porque é a — Ascensão.

Que deus é o Absoluto; que rompelis as auroras; que sangue encarde o campo que atravessais — o do rubor da manhã e a purpura do occaso; que deixais, por ceitura, na vossa derrota os astros.

Parece que, até hontem, era olhada como das mais infimas da terra, nucleo de barbaros, religião inhospita de ignorancia e selvageria, taba inculca encravada nos verdes mares americanos, exigirá, d'ora avante, que a contemplos como se contempla o sol, porque um dos seus pedaços já vae pela altura — é aquelle que vos encerra, e que os seus raios não qual seguiu insulhado com um Robinson ethero.

Pelos espaços largos e virgens, onde apenas as constellações gravitam, não ideis solitario, ousado navegador acreo: — segue-vos a Patria com o olhar enterecido — e essa ternura commovida explica e justifica o vós silencio — e a attenção do universo é como a luminosa claridade em panha offerecida que galhardamente cavalga.

Ao Brazil offereces, como um imperio conquistado, toda a região infinita que fica entre Deus e o Homem e, que nos importa que as demais potencias cravem, depois de exido, os seus pavilhões nos muros das cidades, que os chamtem nas fronteiras dos reinos, que os finquem no meio do oceano, que os chamem de ombro, que os desfaldem nos visos das cordilheiras, que os desenrolem nos mares largos, se o nosso é o unico que fluctua no espaço dando-nos a vastidão por feudo, entregando-nos o que era do astro e da nuvem, da claridade e da sombra, do passado e da aspiração — essa andorinha da alma ao oceano de silencio, intransigente e inextinguível, que os dois perfidos mares porque os maelstroms da altura são os vendavões e os cursos lá, porém, se ha syrtis, chamam-se ellas Canopus, Aldebaran ou Atair, se ha aerea chama-se Via Lactea, se ha neveiro chamam-se nebulosas, se ha archipelagos chamam-se Cassiopeia, Procion ou Cruzeiro, se ha a ponta de Deus.

A vossa nave é aquella que o poeta sonha:

Nef imagine et suppose! elle a, rien qu'un marchant,
Change le cri terrien ou par je jouxé chaut,
Rajoni les races terrires!
Établir l'étoile vrai, mouvé le ébenis sur,
Dies l'été et l'été fait entre l'homme tant d'aour
Qui elle a supprime les patries!

E' justo, pois, que nós que vivemos n'esta cidade de Campinas, onde passaste parte da vossa infancia, á sombra de cujas arvores brincastes, cujas fontes tantas vezes vos desaventuram, cujo sol foi, talvez, o illuminador do vosso espirito no tempo que vos deve ser saudoso, em que trezoráveis as aulas do Alculo, é Sciencias e n'as horas de lazer, procurastes curiosamente descobrir nas machinas agricolas o segredo do movimento é justo, repeti-o, que comovos nos congratulemos pela conquista magnifica que realizastes dividindo com a Patria a vossa immortalidade gloria, ou antes — dando-l'ha toda (como aos pobres de Paris dades desprezivelmente o premio que, como a claridade do mundo, vós fora contada) e garantindo ao Mundo o bem supremo — a Paz, que o vosso invento, como um iris, annuncia.

E ainda por mais nos mereces porque fostes o reinvidicador da gloria da navegação aerea que, por precedencia na descoberta, nos cabe: se o *Pouso* parece antes de alar-se ás nuvens, a sua gloria é a gloria do triumpho, a gloria de ares, aqua conquistadora do infinito e da Paz.

Salve!

Cidade de Campinas, aos 16 de novembro de 1901.

Conde de Villa Franca

O illustre extinto, descendente do Marquez de Pombal e do 1.º conde de Mesquitella, era uma das figuras mais distinctas da aristocracia, porque juntava á nobreza do nascimento a nobreza da intelligencia. Era irmão do duque de Albuquerque, de quem herdou, como seus irmãos mais novos, a fortuna.

Escriptor erudito e investigador historico incansavel, quasi se dedicava agora ás letras, ten-

PINTO ALVES & C.^A

(Casa fundada em 1870)

PERNAMBUCO

Armazem de assucar

Estivas e Cereaes

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Caixa postal 44

Endereço telegraphico

PINTALVES

VICTORIA

O melhor vinho do PORTO

MENÉRES
& Comp.^a

PORTO



FABRICA DE GRAVATAS

PINTO MONTEIRO & C^{as}



SALA DE CORTES, FURNADO E ENCAIXAMENTO

OFFICINA



Exportadores para todos os Estados do Brasil

Officinas montadas em todos os estabelecimentos maiores

AGENCIA EM TODOS OS ESTADOS

TELEGRAPHAS PINTO MONTEIRO & C^{as} GALL da GARRA-631101, RUA DO HOSPICIO, 101
RIO DE JANEIRO

Agencia Financial

DE PORTUGAL

R. da General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica Portugueza, fundada e amortizavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

Pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitales de districto e sedes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.



VINHOS VELHOS

LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

Londres, 1862; S. Paulo, 1889 e S. Paulo 1894 e 1898

ANTIGA CASA

PORTO João Eduardo dos Santos

REGISTRADA

FUNDADA EM 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuinos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca de commercio registrada de que uso.

A VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR—Porto

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

LISBOA—L. de Santo Antonio da Sé, 19

Emprezimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo—prazo de 4, 4 1/2, 5 e 6 1/2, de 10 e 30 annos. Empréstimos em conta corrente: a juro de 5 % e commissão de 1/2 %, de 1 a 9 annos. Depósitos—accrescentam-se a prazo ou à ordem, vencendo 3 1/2 % à ordem e 3 %, ao prazo de 1 mez: 3 1/2 % a 6 e a 4 %, ao anno. Propriedades: a Companhia tem assumido propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto ou a prazo, a genial: nos districtos e nas ilhas. No Porto está instalada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.



LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL

Capital social 2.000.000.000 rs.

15.000.000.000 réis

De dividendos pagos desde 1864 até 1895

PREMIOS E BENEFICIOS 5.000.000.000

Seguros contra incendio, capital de 100 milhões de réis

Agente Atlantico & Union Maritima

Companhia Brasileira contra os sinistros maritimos e avarias de transportes de qualquer natureza

DEPARTAMENTO—Rua Mayor, 25, 26

LISBOA—Rua do Príncipe, 28, 29

Dr. Oscar Leal. — Especialista em doenças da bocca, collocação de dentes e correção das deformidades nasas. Consultorio do 1.º ordem á

RUA DO CARMO, 35, 1.º

(CHEIADO)

HERMINIOS

GRANDES ARMAZENS

PORTO Rua de St. Antonio

Rua 34 de Dandelo, 39

Estabelecimentos dentro do mesmo prédio. Casa montada sob a organisação dos estabelecimentos com a terra do estrangeiro. Venda de todos os artigos indispensaveis.

HOTEL DURAND

English Hotel—Lisboa

7, Rua das Flores—Largo do Guisalthe

Este hotel, situado no largo mais central da cidade, offerece todas as confortos de uma casa de primeira classe.

CESAR A. PAIVA

Cirurgião Dentista

SUAS Magestades e Altezas

CONSULTORIO

R. do Arsenal, 100, 1.º

LISBOA

JOSE SILVA & C.^A

Casa fundada em 1879

GRANDE DIPLOMA DE HONRA

DA EXPOSIÇÃO DO 4.^o CENTENARIO

CASA MATRIZ E FABRICA

B. de S. Pedro, 38, 42 e 44

Esquina da

RUA DA QUITANDA

RIO DE JANEIRO



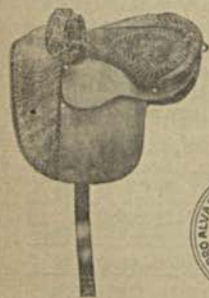
FILIAL

EM S. PAULO

Rua Florencio de Abreu, 34



Casa matriz — RIO



Unico estabelecimento
no Rio de Janeiro
com officinas para fabrico
de arreios
de qualquer qualidade



COUROS,
ARREIOS
E ARTIGOS
PARA VIAGEM

Importação

de couros, e de
todos os artigos
para
selleiros, correiros,
segeiros
e sapateiros



Casa filial — S. PAULO